Nanci Bueno de Almeida

II BIENAL DE MÚSICA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA 1977

organizada pela

SALA CECÍLIA MEIRELES
FUNTERJ

GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
FLORIANO FARIA LIMA

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA
MYRTHES DE LUCA WENZEL

PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO DE TEATROS DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
ADOLPHO BLOCH

SECRETÁRIO EXECUTIVO DA FUNDAÇÃO DE TEATROS
DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
GERALDO MATHEUS TORLONI

DIRETOR DA SALA CECÍLIA MEIRELES
MYRIAN DAUELSBERG

Flagrante colhido por ocasião da I Bienal de Música Brasileira Contemporânea, realizado em 1975 na Sala Cecília Meireles.

A MENSAGEM DA SALA CECÍLIA MEIRELES

Aos compositores e ao público

Um dos aspectos mais agudos da problemática da criação musical é a discutível ou improvável viabilidade de excução. Esta face da crise parece ser mais grave e desanimadora do que a inexistência de boas escolas. Quando esteve no Brasil, há uns dez anos, Krszystoph Penderecki referiu-se à deficiência de formação técnica, por falta de escolas em condições de proporcioná-la, como um dos mais sérios problemas dos compositores brasileiros. Mas na verdade, essa debilidade diagnosticada pelo eminente artista, conquanto capaz de comprometer ou desperdiçar muitas vocações e talentos, pode ser superada, em casos individuais, pela venturosa oportunidade de estudos em bons centros de formação fora do país, e até mesmo, em exceções raras, por talentos tão prodigiosos que sejam capazes de minimizar tais barreiras. (No primeiro caso, basta lembrar os exemplos de Claudio Santoro, Edino Krieger e Marlos Nobre e, no tocante aos talentos prodigiosos, impõe-se citar o autodidata Villa-Lobos).
Entretanto, a inviabilidade de execução é uma força negativa intransponível e impiedosa. Não respeita talentos maiores ou menores e se sobrepõe, fatalmente, a quaisquer outras condições positivas da formação do compositor. Ela não faz triagem: simplesmente elimina o aspirante a compositor de sua esfera de ação.
Ao contrário de outras artes, como a pintura e a escultura nas quais uma vez concluída, a obra está em condições de exercer sua função comunicadora, a obra de arte musical apresenta-se num estado de *devenir*. Por mais perfeita que se presuma, é uma espécie de cheque a ser descontado, para o qual fecham-se as portas de todos os bancos. Antes de sua primeira execução, uma partitura, mesmo recomendada pelos mestres, é apenas uma promessa. Os mais crentes e idealistas sofrem as desilusões do silêncio de sua música mas se atiram a outras criações. De sortida em sortida, acabam acumulando na gaveta uma boa provisão de códigos secretos, invioláveis, que ninguém chega a conhecer.
Ninguém? E o próprio autor? O autor sabe o que escreveu mas ignora a realidade sonora de sua música. Ignorando-a, desconhece as próprias fraquezas e obviamente não procura meios de superá-las. E a falta de um crivo para escolha ou rejeição de procedimentos técnicos e formais acarreta perda de tempo e esforços iúteis, com irrecuperáveis prejuízos causados à criação musical e ao patrimônio cultural do país.
Foi na esperança de contribuir para remover esses empecilhos à criação musical, que a Sala Cecília Meireles realizou, em 1975, a *I Bienal de Música Brasileira Contemporânea*. As dificuldades e obstáculos com que se deparou foram enormes; mobilizaram durante boa parcela da temporada todas as disponibilidades de esforço e ultrapassaram de muito as escassas verbas previstas. Um raciocínio frio, fundado em premissas objetivas, levaria ao desânimo de renovar a experiência. Mas um órgão cultural como a Sala não pode e não deve enleiar-se nas conclusões de raciocínios frios, quando está em jogo uma tarefa de grande alcance como o favorecimento da criação musical. Eis por que, a despeito das dificuldades conhecidas (e que agora se renovaram com tremenda "correção monetária"), a *II Bienal de Música Brasileira Contemporânea* aqui está para insuflar nos ânimos abalados dos compositores um sopro de coragem e para dizer-lhes: continuem criando música; vocês não estão sós.

15, às 21 h — 1° concerto
— ORQUESTRA SINFÔNICA DO TEATRO MUNICIPAL.
Regente: ELEAZAR DE CARVALHO
Obras de: B. KIEFER, B. BLAUTH, M. NOBRE, G. MENDES

17, às 21 h — 2° concerto
— CAMERATA DA UNIVERSIDADE GAMA FILHO.
Regente: ISAAC KARABTCHEVSKY
Obras de: B. KIEFER, C. SANTORO, E. KRIEGER, R. GNATALLI

18, às 21 h — 3° concerto
— Obras de: M. FICARELLI, H. KORENCHENDLER, R. VALLE, R. MIRANDA, J. OLIVEIRA, E. SCLIAR, M. NOBRE, G. MENDES

19, às 21 h — 4° concerto
— Obras de: S. V. CORREA, A. ALBUQUERQUE, E. MAHLE, G. PEIXE, H. KORENCHENDLER, J. SIQUEIRA, N. CAVALCANTI, H. J. KOELLREUTTER, A. PRADO

20, às 21 h — 5° concerto
— CONJUNTO MÚSICA NOVA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
Regente: PIERO BASTIANELLI
Obras de: L. CARDOSO, E. WIDMER, A. RIBEIRO, L. C. VINHOLES, R. B. BORGES, F. CERQUEIRA

22, às 21 h — 6° concerto
— CONJUNTO ARS CONTEMPORÂNEA e QUINTETO VILLA LOBOS
Obras de: A. ESCOBAR, J. ANTUNES, G. PEIXE, W. C. OLIVEIRA, R. TACUCHIAN, V. D. LEITE, M. SANTOS

23, às 21 h — 7° concerto
— ORQUESTRA SINFÔNICA NACIONAL DA RADIO MEC.
Regente: ROBERTO RICARDO DUARTE.
Obras de: C. GUARNIERI, O. LACERDA, N. MACEDO, F. MIGNONE

OS CONCERTOS SERÃO SEGUIDOS DE DEBATES ENTRE O PÚBLICO E OS COMPOSITORES PRESENTES.

I CONCURSO NACIONAL DE COMPOSIÇÃO PARA A II BIENAL DE MÚSICA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

C+A

Organizada pela SALA CECÍLIA MEIRELES (FUNTERJ)
Em convênio com o INSTITUTO NACIONAL DE MÚSICA (FUNARTE)

RELAÇÃO DOS VENCEDORES

OBRAS SINFÔNICAS:

1° lugar — CIRLEI MOREIRA DE HOLLANDA, Rio de Janeiro
Obra Premiada: ISTO É AQUILO — PALAVRA
sobre o texto de Carlos Drummond de Andrade

2° lugar — JACEGUAY LINS, Pernambuco
Obra premiada: ATMOS

Menção Honrosa: VANDA LIMA BELLARD FREIRE (Rio de Janeiro)
Obra premiada: AJURICABA

OBRAS DE CÂMERA:

1° lugar — RONALDO MIRANDA, Rio de Janeiro.
Obra premiada: TRAJETÓRIA
sobre texto de ORLANDO CODÁ

2° lugar — ROSEANE YAMPOLSCHI, Rio de Janeiro
Obra premiada: 2 peças para quarteto de cordas

MENÇÃO HONROSA: PAULO CESAR DE AMORIM CHAGAS, Bahia
Obra premiada: WEBERN — de tempos em tempos

OBRAS PARA SOLO:

1° lugar — HENRIQUE DAVID KORENCHENDLER, Rio de Janeiro
Obra premiada: Divertimento para violoncelo solo

2° lugar — MARCO ANTONIO GUIMARÃES, Minas Gerais
Obra premiada: ETERNE para piano solo

JURI:
EDINO KRIEGER
MARIO TAVARES
MARLOS NOBRE

Vencedores do I Concurso Nacional de Composição

CIRLEI MOREIRA DE HOLLANDA (Rio de Janeiro)

Tendo iniciado seus estudos musicais na classe de piano da professora Nayl Lucas, Cirlei Moreira de Holanda ingressou mais tarde na Escola de Música da UFRJ, onde fez várias disciplinas, inclusive Harmonia e Morfologia com o prof. Hélcio Benevides Soares. O conhecimento de harmonia deu-lhe motivação para freqüentar o curso de Composição e Regência.

Estudou Regência com o prof. Raphael Baptista, Percepção Musical com a professora Judith Cocarelli e composição com o maestro Henrique Morelembaum.

RONALDO MIRANDA (Rio, 1948)

Músico e jornalista militante, Ronaldo Miranda nasceu no Rio de Janeiro em 1948. Estudou piano com Dulce de Saules, graduando-se nesse instrumento em 1970, na Escola de Música da U.F.R.J. Para sua formação técnica muito contribuíram os ensinamentos de Hilda Reis (Teoria e Percepção) e Hélcio Benevides Soares (Harmonia e Análise), de quem recebeu o estímulo para seguir o Curso de Composição, onde teve em Henrique Morelembaum um orientador seguro e grande incentivador. Sem desprezar a rigidez técnica imposta pelo ensino do estabelecimento, Morelembaum indicou-lhe o caminho do pensamento criador contemporâneo, salvaguardando-lhe a espontaneidade da expressão e ajudando-o a sair, por si mesmo, dos limites da tradição.

Formou-se em Jornalismo, também na UFRJ. É um dos críticos de música erudita do JORNAL DO BRASIL, onde integra, há onze anos, o setor de promoções desenvolvendo, entre outras atividades culturais, muitas iniciativas no domínio musical.

Trajetória para soprano, flauta, clarinete, xilofone/vibrafone, piano e violoncelo, foi composta nos meses de julho e agosto deste ano para concorrer ao *Concurso de Composição* da *II Bienal de Música Brasileira Contemporânea*. A obra baseia-se num texto de Orlando Codá (carioca, 29 anos, professor de línguas, com tese de doutorado defendida na Universidade de Montpellier e participação em atividades teatrais no Brasil e no exterior.)

No 1º tempo — *O Apartamento* — o andamento denota o clima que se impõe na partitura, onde o piano inicia um tema repetitivo sugerindo o perpassar das horas, a monótona passagem do tempo. O soprano solista e os demais instrumentos conduzem o discurso musical a um exacerbado *cluster*. Começa então o texto cantado, que a partitura busca complementar com atmosfera contrastantes. O motivo inicial do piano é reexposto no final.

No 2º tempo — *Constatação* — o sub-título Reflexivo sugere a introspecção da música. Uma sinuosa linha melódica começa na flauta, passando para o clarinete e o violoncelo em entradas progressivas. A voz inicia um diálogo polifônico com os instrumentos, entre sugestões sonoras que o piano e o vibrafone procuram enfatizar.

Com a indicação Angustiante, o movimento final — *O Vácuo* começa rapidamente com elementos fragmentários distribuídos entre os diversos instrumentos. O rítmo é complexo pondo em jogo pequenas pausas e os deslocamentos de acentuações. O soprano solista apela para recursos da voz falada e, para os instrumentos, são exigidas eventuais participações vocais que incluem som sibilado, cantado e texto declamado. O motivo inicial do trecho é relembrado antes do fragmento conclusivo.

HENRIQUE DAVID KORENCHENDLER (Rio, 1948)

Nascido em 1948 no Rio de Janeiro, bem cedo David Korenchendler iniciou seus estudos musicais: piano com Lúcia Branco e matérias teóricas com Henrique Morelembaum. Em 1957 ganhou o Prêmio "Semana da Asa", instituído pelo Ministério da Aeronáutica, por seu *Hino a Santos Dumont*. Dedicando-se à composição desde 1966, ingressou então na Escola de Música da U.F.R.J. e aí concluiu os cursos de graduação de Piano e Composição e Regência, tendo sido seus mestres Ilara Gomes Grosso (piano), Raphael Baptista e Roberto Ricardo Duarte (Regência) e José Siqueira e Henrique Morelenbaum (composição).

Em 1968 foi finalista na 2ª Apresentação de Jovens Compositores, em Salvador. Ainda ganhou o concurso de composição promovido pela O.S.B. em 1975 (Menção honrosa), e igual prêmio no Concurso de Composição Cidade de Curitiba (1976)

4 Encontros, para trio de violino, viola e violoncelo. Trata-se de 4 peças curtas em seção única, alternando-se em movimentos rápidos e lentos, também contrastantes pelo caráter, ora calmo, ora tenso. A obra foi composta em setembro deste ano, especialmente para o programa Brasil Câmara 3.

Divertimento para violoncelo solo, op, 58. É a peça vencedora do concurso de composição desta Bienal. Divide-se em quatro partes: I — *Prelúdio*. Inicia-se com uma exposição lenta que será reexposta na coda deste trecho. O corpo da peça é ternário na sua estrutura A - B - A' e em andamento rápido. II — *Xinguana*. É um trecho em forma de rondó cujo estribilho é lento, baseado nos gritos dos índios do Xingu durante os jogos de luta corporal. As seções B e C são, respectivamente, um fragmento tocado por 3 flautas juruna, em cerimônia pelos mortos e um canto indígena do alto Xingu. O andamento é rápido. III — *Canção*, em seção única. IV — *Dança* (final) Em 3 seções, sendo que A e C são essencialmente rítmicas e B um pouco lenta, à maneira de valsa. O trecho conclui com uma coda em que reaparecem células da introdução do Prelúdio e também de Xinguana

Sábado, 15 de outubro às 21 horas — 1º concerto

Entrega de prêmios aos compositores laureados no I Concurso Nacional de Composição para II Bienal.

BRUNO KIEFER — Convertimento
(1ª audição no Rio de Janeiro)

BRENO BLAUTH — Sinfonia nº 1, T23
(1ª audição no Rio de Janeiro)

INTERVALO

MARLOS NOBRE — Convergências op. 28
(1ª audição mundial)

GILBERTO MENDES — Santos Football Music
(1ª audição no Rio de Janeiro).

ORQUESTRA SINFONICA DO TEATRO MUNICIPAL
Regente: ELEAZAR DE CARVALHO

Segunda Feira, 17 de outubro às 21 horas — 2º concerto

CAMERATA DA UNIVERSIDADE GAMA FILHO

Regente: ISAAC KARABTCHEVSKY

BRUNO KIEFER — Divertimento nº 1 para orquestra de cordas à moda de fuga
(1ª audição no Rio de Janeiro)

CLAUDIO SANTORO — Bodas sem Fígaro (Musikalischer Spass)
(1ª audição no Brasil)

INTERVALO

EDINO KRIEGER — Variações Elementares
participação especial:
Paulo Moura — sax alto
Nelson Melim — celesta

RADAMÉS GNATALLI — Divertimento para marimba e orquestra de cordas
Solista: Luiz A. Anunciação, marimba

No foyer, durante os intervalos, será apresentado o video tape: "Make a silkscreen from a score, make a score from a silkscreen", criado por Jocy de Oliveira e Josely Carvalho

3ª feira, 18 de outubro às 21 horas — 3º concerto

MÁRIO FICARELLI — "Prelúdio, Passacaglia e Final" — 1977 para trio de cordas (dedicado à Mª Visclunia) - 1ª aud. mundial.

BRASIL CAMERA 3
— Maria Vischnia, violino
— George Kiszely, viola
— Zygmunt Kubala, violoncelo

HENRIQUE D. KORENCHENDLER — 4 Encontros para Trio de Cordas op. 61
(1ª audição mundial)
— Lento
— Con moto
— Andante
— Trio

BRASIL CAMERA 3
— Maria Vischnia, violino
— George Kiszely, viola
— Zygmunt Kubala, violoncelo

RAUL DO VALLE — Estrias IV para cello solo
1ª audição no Brasil
MÁRCIO MALARD, violoncelo

RONALDO MIRANDA — Trajetória, sobre texto de Orlando Codá, para soprano, flauta, clarinete, percussão, piano e cello.
Obra vencedora do I CONCURSO NACIONAL DE COMPOSIÇÃO — Categoria: obras de câmera
I — O apartamento
II — Constatação
III — Vácuo
— MARIA LUCIA GODOY, soprano
— NORTON MOROZOWICZ, flauta
— PAULO SERGIO SANTOS, clarineta
— JOE LIZAMA, percussão
— MIGUEL PROENÇA, piano
— JACQUES MORELENBAUM, violoncelo
— JOHN NESCHLING, regente

INTERVALO

JOCY DE OLIVEIRA — Estória II para voz feminina, percussão e tape (1ª audição no Brasil
MARIA DA GLÓRIA CAPANEMA, soprano
LUIZ A. ANUNCIAÇÃO, percussão
JOCY DE OLIVEIRA

ESTHER SCLIAR — Imbricata
TRIO MÚSICA VIVA
— Norah de Almeida, piano
— Norton Morozowicz, flauta
— Harold Emert, oboé

MARLOS NOBRE — Sonâncias para piano e percussão
SONIA VIEIRA, piano
LUIZ A. ANUNCIAÇÃO, percussão

GILBERTO MENDES — Motetos à feição de Lobo de Mesquita para barítono, cravo, oboé e violoncelo
(1ª audição no Rio de Janeiro)
ELADIO PÉREZ GONZALEZ, barítono
NORAH DE ALMEIDA, cravo
HAROLD EMERT, oboé
MARCIO MALLARD, violoncelo

4ª feira, 19 de outubro às 21 horas — 4º concerto

SÉRGIO VASCONCELLOS CORRÊA — Sonatina para violão
(1ª audição no Rio de Janeiro)
PAULO PORTO ALEGRE, violão

ARMANDO ALBUQUERQUE — Divertimento para dois pianos
(1ª audição no Rio de Janeiro
DIRCE KNIJNIK/HUBERTUS HOFMANN, pianos

ERNST MAHLE — Solo 1976 para violino
(1ª audição mundial)
STANISLAV SMILGIN, violino

NESTOR DE HOLLANDA CAVALCANTI — 2 Estudos para trompa
(Canção do Cego e Chô Azulão)
(1ª audição mundial)
THOMAS TRITLE, trompa

GUERRA PEIXE — Variações Opcionais para violino e acordeão
(1ª audição mundial)
GUERRA PEIXE, violino
ED LEMOS, acordeão

INTERVALO

HENRIQUE DAVID KORENCHENDLER — Divertimento para violoncelo, opus 58 (1ª audição mundial) — Obra vencedora do I CONCURSO NACIONAL DE COMPOSIÇÃO — Categoria: solo ALCEU DE ALMEIDA REIS, violoncelo

JOSÉ SIQUEIRA — 3 Invenções para instrumentos de metal
QUINTETO DE METAIS DO CONSERVATÓRIO BRASILEIRO DE MÚSICA.
— Sebastião Gonçalves e Paulo Roberto M. da Silva, trompetes;
— José Cândido, trompa;
— Jorge de Magalhães Berto, trombone;
— Claudio P. Silva, tuba;
(1ª audição mundial)

H. J. KOELLREUTTER — "Tankalll" para harpa e voz (1975)
(1ª. audição mundial)
MARIA CÉLIA MACHADO, harpa

ALMEIDA PRADO — "Macaíra" ou A Pescaria Fantástica para cravo e piano a 4 mãos
(1ª audição no Brasil)
HELENA HOLLNAGEL, cravo
FERNANDO LOPES/SONIA MUNIZ, pianos

5ª feira, 20 de outubro às 21 horas — 5º concerto

CONJUNTO MÚSICA NOVA da UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
Regente: PIERO BASTIANELLI

LINDEMBERGUE CARDOSO — Requiem para o Sol
(1ª audição no Rio de Janeiro)

ERNST WIDMER — Ignis op. 102
(1ª audição no Rio de Janeiro)

AGNALDO RIBEIRO — Korpus-et-Antikorpus
(1ª audição no Rio de Janeiro)

INTERVALO

L. C. VINHOLES — Tempo-Espaço 9
(1ª audição no Rio de Janeiro)

RUY BRASILEIRO BORGES — "Já disse, ora!
— Ora o que? Hora de Relógio?!
— Não; ora! ora! O.R.A."
(1ª audição no Rio de Janeiro)

FERNANDO CERQUEIRA — Parábola
(1ª audição no Rio de Janeiro)

Sábado, 22 de outubro às 21 horas — 6º concerto

CONJUNTO ARS CONTEMPORÂNEA

Guilherme Bauer, diretor
Marcelo Bonfim, flauta
Tsunemichi Nagamine, oboé
Luiz Viana, clarineta
Thomas Tritle, trompa
Vânia Dantas Leite, piano
Ana Maria Scherer, viola
Jorge Kundert Ranevsky, violoncelo
Victoria Elnecave, soprano
Atores convidados: Viscaino Clementi
Stella Freitas

QUINTETO VILLA LOBOS

Carlos Rato, flauta
Eros Martins, oboé
Paulo Sergio, clarineta
Carlos Gomes, trompa
Airton Barbosa, fagote

AYLTON ESCOBAR — Movimentos 1972

RICARDO TACUCHIAN — Estruturas Verdes 1976
(1ª audição mundial)

GUERRA PEIXE — Cânticos Serranos 1976
(1ª audição mundial)
"Almas desoladamente frias..."
História Antiga
Confusão
Texto Paulo de Leoni
MARIA DA GLÓRIA CAPANEMA, soprano

WILLY CORRÊA DE OLIVEIRA — "La flamme d'une chandelle" 1976
(1ª audição no Rio de Janeiro)

INTERVALO

VÂNIA DANTAS LEITE — Aún 1977
(1ª audição no Rio de Janeiro)
Texto Pablo Neruda

JORGE ANTUNES — Vortices
(1ª audição no Rio de Janeiro

MURILLO SANTOS — Ludus 1976

Criação coletiva do conjunto ARS CONTEMPORANEA
setembro 1977 — Arca de Noé
(1ª audição mundial)
Textos: Henrik Ibsen e Bertolt Brecht

Domingo, 23 de outubro às 21 horas — 7º concerto

ORQUESTRA SINFONICA NACIONAL DA RADIO MEC
Regente: ROBERTO RICARDO DUARTE
Solista: JESSÉ SADOC, trombone tenor

OSVALDO LACERDA — 4 Movimentos para orquestra de cordas
(1ª audição no Rio de Janeiro)

NELSON DE MACEDO — Fantasia Concerto para trombone tenor e orquestra

INTERVALO

CAMARGO GUARNIERI — Concerto para cordas e percussão
(1ª audição no Rio de Janeiro)

FRANCISCO MIGNONE — Nazarethiana nº 2
(1ª audição no Rio de Janeiro)

BRUNO KIEFER (Alemanha, 1923)

Vindo para o Brasil aos 11 anos, radicou-se em Porto Alegre, onde estudou no atual Instituto de Artes da UFRGS (Curso de Flauta) e Composição e Regência com Ênio de Freitas e Castro. Paralelamente, formou-se em Química Industrial e Física, o que lhe permitiu viver, durante muitos anos, do magistério secundário e superior de Física e Matemática. Ainda no tocante à formação musical, trabalhou a técnica dodecafônica (1960) com H. J. Koellreutter.

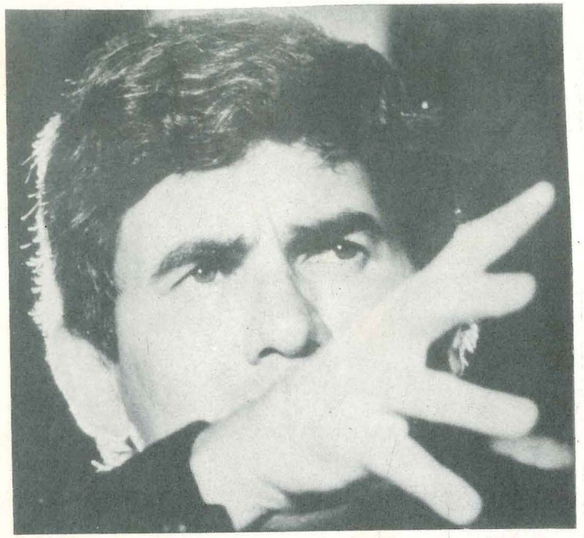
Flautista, durante anos, de conjuntos camerísticos e sinfônicos, tem exercido profícua atividade no ensino de música, como professor e conferencista em vários Seminários de Música, alguns por ele mesmo organizados. Sua atividade profissional estendeu-se também ao domínio da musicologia (*Música alemã: Dois Estudos*, 1958; *História e significado das formas musicais*, 3ª edição em 1976; *Elementos da Linguagem Musical* — 2ª ed. 1973; *História da Música Brasileira* — 1º vol. publicado em 1976, estando o 2º em preparo) e da crítica, de que são testemunhos os trabalhos publicados em vários jornais de Porto Alegre, S. Paulo, Rio e Minas Gerais.

Convertimento, sua obra programada nesta Bienal, foi composta em 1970. Destina-se a flauta, clarinete, fagote e cordas, sendo de notar que os instrumentistas não são tratados nela como solistas, mas como integrantes da orquestra. Escrita há 7anos, a partitura teve, até agora, uma única execução, em Porto Alegre (1972), sob a regência de Victor Tevah.

BRENNO BLAUTH (Rio Grande do Sul, 1931)

Estudou piano e harmonia com João Schwartz Filho e, posteriormente, contraponto e composição com Ênio de Freitas e Castro (em Porto Alegre), Paulo Silva e Newton Pádua, no Rio de Janeiro. Em 1959 fundou, nesta cidade, o Movimento Musical Renovador, destinado à divulgação da música brasileira de compositores novos. Nessa oportunidade, tornou-se conhecido principalmente através da divulgação de suas obras pela Rádio MEC. Detentor de vários prêmios de composição, é autor de quase uma centena de obras sinfônicas, camerísticas, vocais e instrumentais, as quais têm sido executadas no Brasil e no exterior. Desde 1962, Brenno Blauth reside em S. Paulo.

Sua *Sinfonia Nº 1*, presente nesta Bienal, divide-se em 3 movimentos: Agitado — Calmo — Trepidante, dos quais o segundo abriga um trecho engastado à moda de Scherzo. A obra é de estrutura néo-clássica, de acentuada rigidez formal e técnica, ou seja uma concepção quase artesanal. "Mutatis mutandi" e guardadas as proporções, o autor buscou inspirar-se em Brahms, assim como Prokofieff procurou em Mozart um modelo para sua *Sinfonia Clássica*, Villa-Lobos hauriu em Bach um substrato para suas *Bachianas Brasileiras* e Luciano Berio plasmou sua *Sinfonia* segundo os modelos de Mahler.



MARLOS NOBRE (Recife, 1939)

Após concluir, em Recife, os cursos de piano, teoria, harmonia e contraponto, Marlos Nobre fez estudos de composição com H. J. Koellreutter, aperfeiçoando-se mais tarde no Centro Latino-Americano de Altos Estúdios Musicales Torcuato Di Tella, de Buenos Aires, com Ginastera, Messiaen, Malipiero e Dallapiccola.

A projeção e repercussão de sua obra podem ser avaliadas por numerosa série de prêmios de composição conquistados: 1º Prêmio "Música e Músicos do Brasil" da Rádio MEC (1960), Broadcasting Music Inc. (New York, 1961), 1º Prêmio "Juventude Musical Brasileira" (Rio, 1962), 1º Prêmio "A Canção Brasileira"(Rio, 1962), 1º Prêmio "Ernesto Nazareth" da Academia Brasileira de Música (Rio, 1963), 1º Prêmio "Escola Nacional de Música" (Rio, 1963), Prêmio "Instituto Torcuato Di Tella" (Buenos Aires, 1963), 1º Prêmio "Cidade de Santos (1966), Prêmio "I Festival da Guanabara" (Rio, 1969), Prêmio "II Festival da Guanabara" (1970) etc. Em resumo, dez prêmios em onze anos.

Além da atividade criadora como compositor, Marlos Nobre atua freqüentemente como regente e pianista, figurando no seu currículo apresentações com as orquestras Suisse Romande, Filarmônica da O.R.T.F., Collegium Academicum de Genebra, Nacional de Lima, Filarmônica de Buenos Aires etc. e todas as orquestras do Brasil. Foi diretor da Rádio MEC (1971 a 1976) e dirige atualmente o Instituto Nacional de Música da FUNARTE.

Convergências para órquestra, op. 28, é a 2ª versão de obra escrita em 1968, para sopros, percussão e piano, e que foi totalmente refundida. Estruturada como abertura sinfônica, situa-se esteticamente num período anterior a obras como Mosaico e Concerto Breve.

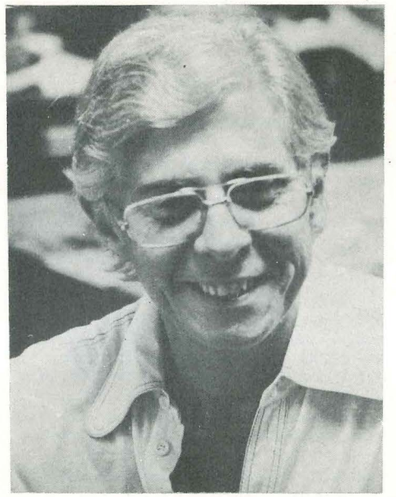
GILBERTO MENDES (Santos, 1922)

Nascido em Santos, Gilberto Mendes estudou no Conservatório Musical da cidade, aperfeiçoando-se mais tarde com Savino de Benedictis (matérias teóricas) e Antonieta Rudge (piano). Seus estudos de composição foram feitos com Claudio Santoro e Olivier Toni. Como bolsista dos governos brasileiro e alemão, freqüentou os "Ferienkurse fuer Neue Musik" de Darmstadt (1962 e 1968), nas classes de Pousseur, Boulez, Stockhausen etc.

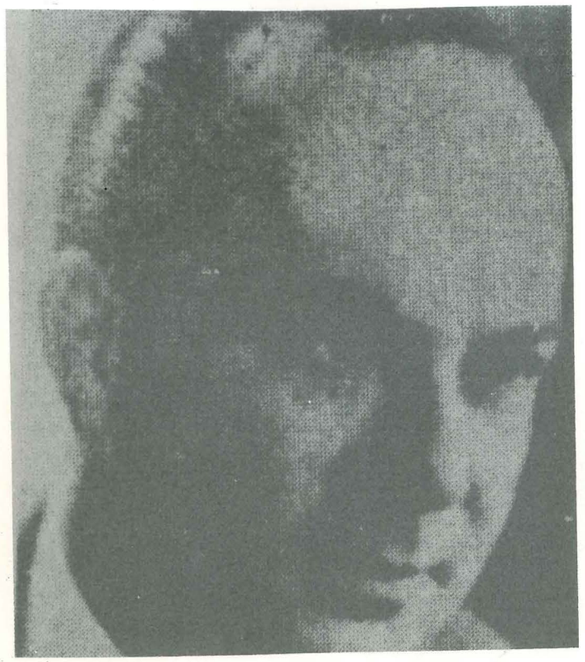
É um dos pioneiros, no Brasil, no campo da música concreta, aleatória, micro-tonal, "mixed media" e de novos grafismos. Idealizador e programador dos Festivais Música Nova de Santos, já em sua 14ª. realização, é também professor da Faculdade de Música de Santos e dos cursos de pós-graduação da PUC de S. Paulo, conferencista e colaborador de vários jornais.

Entre suas obras principais figuram: *Santos Foot Ball Music, Música para 12 intrumentos, Rotationis, Nascemorre, Beba Coca-Cola, Pausa e Menopausa, Omaggio a De Sica, Música per sonare a tre* etc.

Santos Foot Ball Music, um divertimento à la Mozart, homenagem ao futebol de Santos, foi composto em 1969 por encomenda da Comissão de Música do govêrno do Estado de S. Paulo. Teve sua 1ª audição mundial no Outono de Varsóvia, um dos mais importantes festivais europeus de música contemporânea, sob a direção de Eleazar de Carvalho. É obra para orquestra sinfônica, 3 fitas magnetofônicas e participação do público ouvinte, diretamente na execução. As 3 fitas contêm a gravação de um jogo de futebol. A platéia, previamente esclarecida sobre o que deve fazer, participa como um coro popular, dirigido por um regente auxiliar, através de avisos escritos em cartazes. O texto orquestral é formado por blocos instrumentais em constante desenvolvimento. Os 3 "tapes", com a voz de um "speaker" de rádio, flutuam polifonicamente sobre a massa sonora orquestral. Um "teatro musical" termina a obra.



Motetos à feição de Lobo de Mesquita, para barítono, Oboé, violoncelo e cravo, obra composta por encomenda do Festival de Ouro Preto, em 1975 (texto do poeta concretista mineiro Affonso Avila), busca uma identificação entre a linguagem "neue Musik" e certos procedimentos característicos da música barroca — a realização dos ornamentos, por exemplo. Observa um isomorfismo com o poema, com suas repetições obsessivas, explorando ainda as potencialidades dos seus fonemas principais.



CLAUDIO SANTORO (Amazonas, 1919)

Após diplomar-se em violino no Conservatório Brasileiro de Música (aluno de Edgardo Guerra), estudou composição com H.-J. Koellreutter, no Rio e com Nadia Boulanger, em Paris, onde também fez regência no Conservatório. Foi um dos fundadores da Orquestra Sinfônica Brasileira e do Grupo Música Viva. Dodecafonista no início de sua atividade criadora, adotou a orientação nacionalista entre 1948 e 1960, voltando posteriormente ao serialismo. Detentor de numerosos prêmios nacionais e internacionais, tem exercido importantes cargos no Brasil e no exterior. Radicado há anos na Alemanha onde exerce, por concurso, a cátedra de Regência na Escola Superior de Música de Mannheim, Santoro tem tido suas obras executadas com freqüência em concertos e festivais da Europa e das Américas. Sua produção, das mais volumosas da música brasileira atual, inclui 8 Sinfonias, 7 Quartetos, 7 Bailados, 2 Oratórios, além de Concertos, Sonatas, canções e peças para instrumentos solistas, conjuntos de câmara e fita magnética.

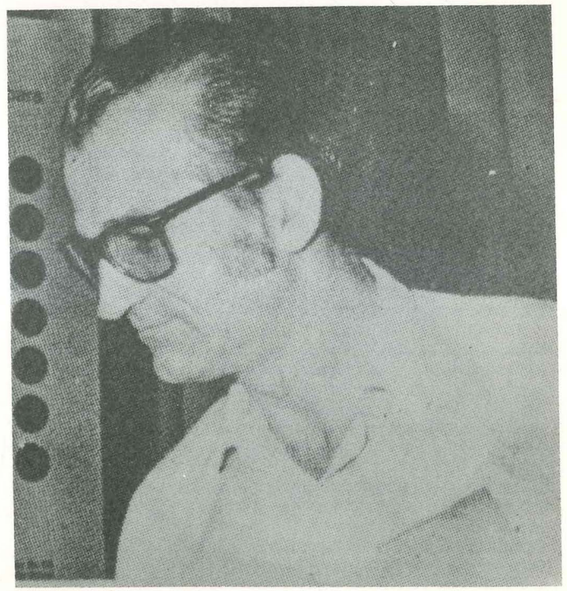
Bodas sem Fígaro (Brincadeira Musical) foi composta sob encomenda da cidade de Mannheim para o Festival Mozart (realizado em setembro último), onde a obra foi estreada em sua versão camerística. Mediante análise estatística da Abertura *Bodas de Fígaro* de Mozart, os dados recolhidos (instrumentação, dinâmica, altura dos sons etc.) foram programados para um computador, cujas respostas forneceram os elementos para a construção da peça. Por fim, e para que a obra se ajustasse bem ao espírito inquieto e renovador (além de brincalhão) de Mozart, Santoro elaborou uma fita magnetofônica com o auxílio de um sintetizador, a qual faz-se ouvir durante a execução, como se o fantasma de Mozart viesse verificar o que fizeram com sua Abertura...

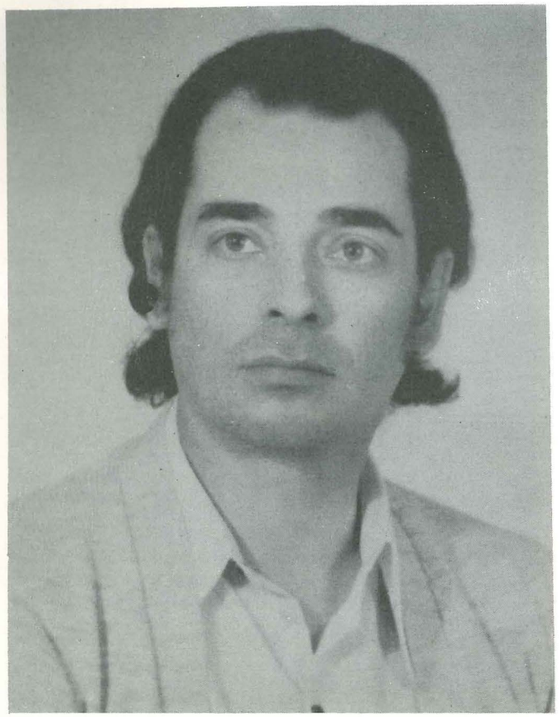
Na presente versão para orquestra de câmera, trata-se da 1ª audição mundial.

EDINO KRIEGER (Brusque, Sta. Catarina, 1928)

Iniciou-se na música aos 7 anos de idade, estudando violino com seu pai — violinista, compositor, regente e fundador do Conservatório local. Em 1944 começou estudos de Harmonia, Contraponto, Fuga e Composição com Koellreutter. Um ano depois conquistou o Prêmio *Música Viva* com o Trio para oboé, clarinete e fagote. Em 1948, 1º colocado no *Concurso para Jovens Compositores da América Latina*, viajou para os Estados Unidos, onde estudou com Aaron Copland no *Berkshire Music Center* e, como bolsista, na *Juilliard School of Music*, condição que lhe coube representar no *Simpósio de Jovens Compositores das Escolas de Música dos Estados Unidos e do Canadá* (Boston, 1949). De regresso ao Brasil, iniciou um sistemático trabalho de divulgação da música através da Rádio MEC. E em 1955, viu-se novamente premiado, desta vez pela Fundação Potteline, de Roma, e em conseqüência realizou um estágio em Londres sob a orientação de Lennox Berkeley. Seu *Divertimento para Orquestra de Cordas* valeu-lhe, em 1959, o prêmio do *I Concurso Anual de Composição*, além da medalha oferecida pelo Teatro Municipal aos *Melhores do Ano. O Prêmio Nacional do Disco* (1961) foi também conquistado por Krieger com o seu *Quarteto Nº 1*.

Organizou e dirigiu o *I* e o *II Festival de Música da Guanabara* (1969 e 1970), conquistando em 1969 o troféu *Golfinho de Ouro*. Sua evolução estética partiu do Impressionismo, adotando a seguir o Serialismo, que abandonou em 1952, em favor de uma experiência mais ampla das formas tradicionais e da temática folclórica e de inspiração popular.





MARIO FICARELLI (S. Paulo, 1937)

Iniciou tardiamente seus estudos musicais com Maria de Freitas Morais e Alice Philips, que lhe deram sólidos conhecimentos do piano. Dedicando-se à composição, de 1968 a 1970 aperfeiçoou seus conhecimentos na matéria com Olivier Toni.

Dentre suas obras destacam-se *"Cinco retratos de um tema"*, para orquestra de cordas (finalista no II Festival Interamericano de Música da Guanabara, 1970); *Maktub I* e *Maktub II*, para piano e piano e violino (ambos em edições Gerig, Colônia, 1973); *"O Poço e o Pêndulo"* para 21 instrumentos de percussão e narrador, sobre texto de Allan Poe; *Novelo* — 3 movimentos para Quinteto de Sopros (1º Prêmio no II Concurso Nacional de Composição do Goethe Institut e SBAC — 1974), gravado pelo Quinteto Villa-Lobos para a Marcus Pereira Discos, 1977; *Sapo Jururu* para coro "a cappella" (1º prêmio do juri e 2º do público no 1º Concurso Nacional de Composições Corais do Madrigal Renascentista de Belo Horizonte, 1974); *Zyklus I* para quarteto de cordas (1973), editado por Gerig de Colônia e gravado para a RBM de Mannheim pelo Quarteto da Universidade de Brasília, 1975); *Sombra,* para coro, flauta, oboé, violino, violoncelo, piano, percussão e voz solista — 1974); *Ensaio 72* para mezzo-soprano, contrabaixo e címbalos (escolhida por juri internacional para representar o Brasil na Tribuna Internacional de Compositores em Paris, 1975); da produção atual, de 1977, destaca-se *Ziklus II* para orquestra sinfônica, 6 Duos para violinos, e sua última obra: *Trio — 1977* para violino, viola e violoncelo.

Em *Prelúdio, Passacaglia e Final* a preocupação de Ficarelli foi a busca da unidade nas 3 partes em conjunto e a unidade timbrística entre os instrumentos. O *Prelúdio* está colocado na sua função própria de introduzir a *Passacaglia* e esta, apesar de ser uma forma antiga com definida estrutura tonal, é aqui tratada com plena liberdade. No *Final*, cada um dos três instrumentos tem sua linha e tratamento rítmico completamente independente.

RADAMÉS GNATTALI (Rio Grande do Sul, 1906)

Estudou em Porto Alegre com Guilherme Fontainha (piano) e obteve medalha de ouro do Instituto de Belas Artes do RGS. Realizou uma brilhante carreira de concertista até 1926 e atuou como violinista do Quarteto Henrique Oswald. Transferindo-se para o Rio, recebeu aqui a orientação de Agnello França, tornando-se profissional do rádio, conquistou uma grande reputação e popularidade como compositor, regente e arranjador do repertório popular. Em suas obras, associa as formas clássicas aos ritmos e características melódicas da nossa música popular urbana e do folclore.

Estória II (para voz feminina, percussão e tape), 1967.
Estória II é uma peça com estrutura kaleidoscópica de eventos mutáveis em sons, palavras, significados e ações. A idéia nasceu como uma célula composta de certas palavras e grupos de fonemas formando um contexto com uma polarização de sentidos. O texto sugere uma Maria ninguém, mulher, ou mesmo qualquer ser. Em verdade essa Maria acha-se ligada à amoralidade da própria natureza. Uma vez tocada pela civilização, ela se deteriora, perde-se... Para elaborar o tape, a compositora utilizou a própria voz e a voz do soprano Rosalyn Wykes, as quais foram manipuladas além de se acrescentar pouquíssimos sons eletrônicos e concretos.

A obra foi escrita e executada em 1ª. audição mundial em St. Louis, U.S.A. em 1967, como parte integrante da tese da autora para sua tese "Master in Arts" na Washington University, St. Louis. Gravada em LP pelo New Music Circle, U.S.A., foi executada em várias cidades dos Estados Unidos e da Europa, tendo agora sua 1ª. audição no Brasil.

A série de Estórias continua. Estórias que não contam e que talvez sejam a própria experiência de viver.

Video-tape (1976). "Make a silkscreen from a score, make a score from a silkscreen" — um evento criado por Jocy de Oliveira e Josely Carvalho.

Trata-se de um evento para que o público participe do mecanismo de criar uma partitura gráfica, sua notação em serigrafia e sua execução. Durante esse evento, que durou 4 horas, o público /é o único participante. Não se apela para nenhum intérprete contratado. "Make a silkscreen from a score, make a score from a silkscreen" prevê em suas instruções a realização de um video tape durante a realização do evento que posteriormente é também apresentado durante outras realizações do mesmo evento...

Este video tape foi gravado em Arlington, U.S.A., durante sua primeira realização. Apesar de este video durar apenas 17 minutos, foram consumidas 70 horas para editá-lo nos estúdios de Rheinbeck, N. York.

O video tape será exibido numa tela de projeção, antes do concerto, durante o intervalo e após o concerto.

JOCY DE OLIVEIRA (Curitiba)

Após os estudos de piano com Kliass (S. Paulo) e Marguerite Long (Paris), dedicou-se à composição, que estudou na Europa e nos Estados Unidos, onde conquistou o respectivo mestrado na Washington University, St. Louis. Há mais de 15 anos vem-se dedicando à divulgação da música contemporânea, inclusive com numerosas 1ªs audições, pelo que muitos compositores lhe têm dedicado obras, entre eles Berio, Xenakis, Hiller, Austin, Marlos Nobre, Santoro, Lukas Foss etc. Escolhida pela VOX, com assentimento do compositor, está gravando toda a obra pianística de Messiaen, da qual já foram lançados sete discos.

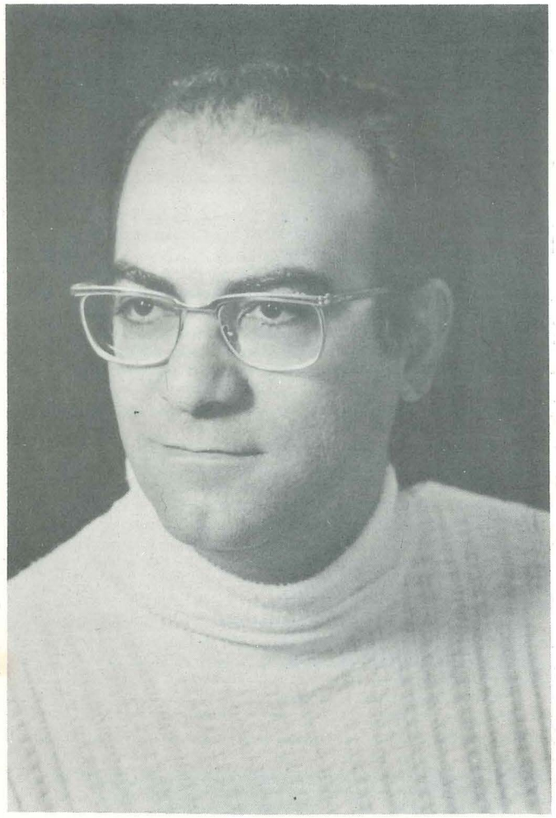
Como compositora, produz obras para instrumentos acústicos e eletrônicos, e trabalhos para multimédia, tendo, além disso, publicado dois livros: *O terceiro mundo* (1959) e a peça teatral *Apague meu spot light*. Este ano recebeu um prêmio de composição do *New York Council on the Arts* e em vários programas executou obras contemporâneas (especialmente de Santoro e Villa-Lobos) para a Rádio France, Paris.

Foi "Associate Professor" na Universidade South Florida; "faculty member" na New School for Social Research, além de ser "artista residente" no St. John's College (Santa Fé), na Universidade de Illinois e na Hofstra University (N. York). Ainda na área do magistério, tem participado de seminários de música contemporânea em várias universidades americanas e do Brasil.

RAUL DO VALLE (São Paulo, 1936)

Estudou composição com Camargo Guarnieri (S. Paulo), Nadia Boulanger (Paris) e Alberto Ginastera (Suiça); matérias complementares com Oswaldo Lacerda (S. Paulo) e Annette Dieudonne (França); piano com Irmã Gertrudes C. Rabello e Dinah Mihaleff e Apreciação Musical com Odilon Nogueira de Matos. Diplomou-se em Composição e Regência pelo Conservatório Musical de Santos, sendo titular de vários prêmios de composição, com obras executadas no Brasil e em vários países da Europa e das Américas. Atualmente, é professor do Departamento de Artes da Universidade Estadual de Campinas.

Sua obra *Cambiantes*, para percussão, recebeu o Prêmio da Crítica e o Prêmio do Público no Centro Internacional de Percussão, por ocasião da abertura do 11° Diorama da Música Contemporânea realizado em Genebra pela Rádio e Televisão Suiça.



SERGIO DE VASCONCELLOS CORREA (S. Paulo, 1934)

Nascido em S, Paulo, em 1934, iniciou sua formação musical em 1946 com a professora Illíria Serato, continuando-a no Conservatório Dramático e Musical de S. Paulo (classe da profa. Ubelina Reggiani de Aguiar), onde concluiu em 1953 o Curso Superior de Piano.

A partir de 1955, quando concluiu o Curso de Especialização em Canto Orfeônico e os estudos básicos de Harmonia e Regência Coral com Martin Braunwieser, passou a orientar sua carreira no sentido do magistério e da composição, abandonando gradativamente o piano. E no ano seguinte, iniciou seus estudos regulares de Composição com Camargo Guarnieri. 2° lugar no Concurso Nacional de Composição Cidade de S. Paulo, instituido pela Secretaria de Educação da Prefeitura de S. Paulo, em 1962, obteve no mesmo ano a mesma classificação no Concurso para Obra Sinfônica instituido pela Rádio MEC (Rio de Janeiro), com a *Suite Piratininga*.

Seguem-se outras premiações como compositor e como regente, paralelamente com a fecunda atividade no magistério musical, em nível médio e superior, atividade que a partir de 1959 passou a desenvolver com proficiência e devotamento que o levaram à condição de um mestre de alto nível em S. Paulo. As muitas etapas dessa ascensão no magistério foram omitidas nesta notícia para não alongar demasiadamente o texto.

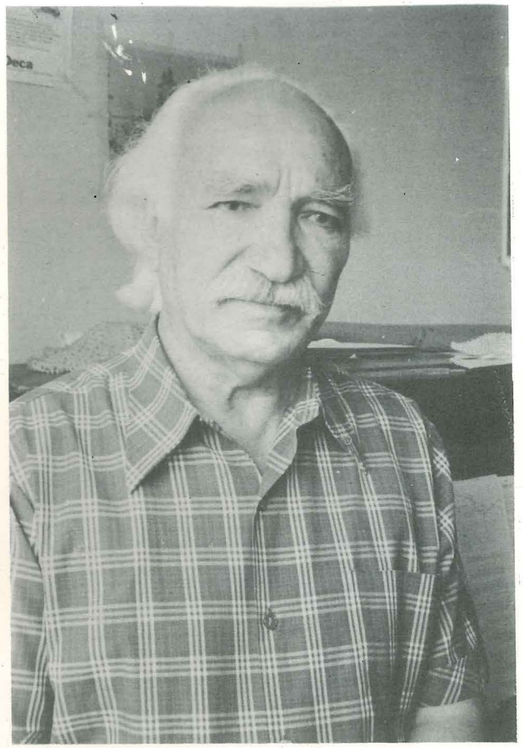
Em 1973, assinou contrato com a casa *Edition Gerig-Musik verlag Hans Gerig* para a edição de sua *Moda* para piano e recebeu o prêmio de *Melhor Obra de Câmara de 1973* pelo seu *Trio* para piano e cordas, por indicação da Associação Paulista de Críticos de Arte. E na mesma época, seu *Concertino para trompete e orquestra* recebeu Menção Honrosa no Concurso Nacional de Composição Musical da Guanabara. Em 1975, como regente do Coral Ashcar, por ele organizado, conquistou o 1° Prêmio na 10ª Olimpíada Infanto Juvenil de São Paulo.

Finalmente, com o Concertino para trompete e orquestra, conquistou o Prêmio "Governador do Estado" em concurso de composição instituido pela Secretaria de Cultura, Esportes e Turismo. Nesse mesmo ano, passou a integrar o corpo docente do Departamento de Música do Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). E lançou, então, o livro *Introdução à Harmonia* (Ricordi Brasileira Editores).

ESTHER SCLIAR (Porto Alegre)

Nascida em Porto Alegre, onde iniciou sua formação musical, Esther Scliar estudou composição com Koellreutter, Claudio Santoro Edino Krieger e regência com H. Scherchen. Obteve o 1° Prêmio no Concurso Nacional de Composição patrocinado pela Rádio MEC em 1961; foi premiada no Festival Nacional do Cinema em 1967, como autora da melhor trilha sonora. Tem exercido fundamentalmente a atividade didática nos Seminários de Música da Pró-Arte, nos Cursos Internacionais de Férias de Teresópolis, Ouro Preto, Brasília e na Escola de Música Villa-Lobos.

Imbricata foi composta em 1976. Baseia-se em três motivos independentes pelo caráter. A autonomia dos elementos é enfatizada por meio de andamentos distintos que se superpõem e justapõem e que pelo acúmulo se transformam, gerando novos elementos.



ARMANDO ALBUQUERQUE (Porto Alegre, 1901)

Armando Albuquerque, o jovial ancião de música de vanguarda gaúcha, estudou violino com o prof. Oscar Simm, diplomando-se no Conservatório de Música do então Instituto de Belas Artes, em 1923.

Na condição de músico profissional, atuou como violinista em várias orquestras e, como pianista, em conjuntos de música popular. De 1936 a 1939, foi orquestrador da Rádio Nacional do Rio de Janeiro.

Atualmente, dedica-se ao magistério, como professor de diversas disciplinas no Instituto de Artes da UFRGS. Como compositor, sua obra abrange peças para solistas, conjuntos de câmara e orquestra.

Divertimento para 2 pianos (em 1ª audição no Rio). Segundo um procedimento estilístico pessoal (que pode ser detectado em toda a sua obra), Armando Albuquerque não se atém ao tradicional "desenvolvimento temático"; prefere o livre curso das idéias, a espontaneidade construtiva. Por extensão, isso significa que no ato de compor as coisas se *sucedem;* entretanto, isso não significa balbúrdia ou caos. A maneira de uma corrida de revezamento, cada idéia é explorada, substancial e concisamente, entregando logo o *bastão* a outra. Esta retoma o fluxo, para ceder lugar à seguinte - até o momento em que não há mais necessidade de se dizer nada e aí é feita a conclusão.

A análise da peça aqui presente pode demonstrar, entretanto, que o autor é adepto, igualmente, de um tipo de construção *cerrada*. No 2º movimento, por exemplo, ele explora até a saciedade o intervalo melódico de terça menor (e maior), de preferência no sentido descendente. Para o compositor, tal prática impõe unidade estilística à peça. Esse mesmo intervalo, como fator de construção, pode ser detectado, em menor proporção, nos outros dois movimentos.

A versão original do *Divertimento* é para piano, violino e violoncelo. Com a atual destinação, para 2 pianos, foi executado pela primeira vez em junho de 1976, em Porto Alegre.

ERNST MAHLE (Stuttgart, 1929)

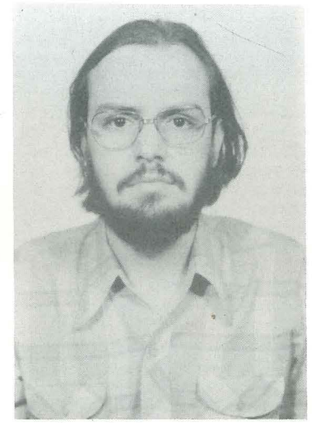
Ernst Mahle iniciou seus estudos de composição com J. Nepomuk David, na Staatliche Hochschule fuer Musik de Stuttgart, em 1950. Transferindo-se em 1951 para o Brasil, aqui passou a estudar sob a orientação de Koellreutter, na Pró Arte de São Paulo. No intuito de ampliar os horizontes de sua formação, freqüentou Cursos Internacionais de Férias em Lucerna, Darmstadt, Salzburg e Teresópolis, tendo estudado com Messiaen, W. Fortner, Krenek (composição) e com L. von Matacic, Rafael Kubelik e Mueller Kray (regência)..

Seus trabalhos como compositor têm-lhe valido sucessivas premiações, entre as quais incluem-se: prêmio de composição "Universidade da Bahia", por sua obra *Intervalos,* em 1961; a medalha de prata "Manuel de Falla", no Concurso Universidade da Bahia, pela obra *Um dia de verão,* para coro e orquestra sinfônica (1965); o 3º prêmio no Concurso Nacional de Composição promovido pelo Instituto Goethe e Sociedade Brasileira de Música Contemporânea, em 1974 e 1º Prêmio no Concurso de Composição para Orquestra de Cordas, promoção da Secretaria de Educação do Estado da Paraíba, em 1976.

Afora a composição, Ernst Mahle exerce intensa atividade no magistério musical, desde os primeiros anos de sua presença no Brasil, quando participou da fundação da Escola de Música de Piracicaba (1953). A partir de então, foi professor no 1º e 2º Seminários de Música da Universidade da Bahia (1954 e 1955), do V Curso Internacional de Música de Curitiba (1969), etc., afora sua ininterrupta atividade como

professor na Escola de Música de Piracicaba, o que lhe valeu, além da condição de brasileiro naturalizado, o título de "cidadão piracicabano", que lhe foi concedido em 1965, em reconhecimento aos seus trabalhos em prol da educação artística da juventude.

O *Solo (1976) para Violino,* sua obra na II Bienal, explora efeitos e recursos da técnica do instrumento, tais como: *pizzicati* da mão esquerda, glissandos, corda percutida com a mão esquerda, staccato, arco utilizado além do cavalete ou por baixo das cordas, "col legno battuto", tremulos com harmônicos etc.



NESTOR DE HOLANDA CAVALCANTI (Rio, 1949)

Nascido em 1949 no Rio de Janeiro, Nestor de Holanda Cavalcanti iniciou seus estudos com Elpídio Pereira, desenvolvendo-os mais tarde como aluno de Composição de Guerra Peixe (1969 a 1972). Tendo começado a compor em 1972, dois anos depois obteve menção honrosa no Concurso de Composição para Corais, promovido pelo Madrigal Renascentista de Belo Horizonte. Com a obra *Contradição* conquistou o 2º lugar no I Concurso Latino-Americano de Composição, promovido pelo Instituto Goethe de Munique (1975). Finalmente, em 1976 participou do Festival de Música Nova em Santos e S. Paulo, com a peça *Delírio do Nada,* escrita especialmente para o conjunto Ars Contemporânea.

2 Estudos para trompa solo (1977). O primeiro, *Xô, Azulão,* baseado numa embolada recolhida na Paraíba, explora a habilidade técnica do músico, pois consiste num estudo de virtuosismo. Construído segundo o esquema clássico A - B - A, tem uma pequena coda que serve de transição para o segundo, *Canção do Cego,* que é um estudo expressivo, trabalhado a partir da série harmônica. Esses dois Estudos fazem parte de uma série que o autor está escrevendo para solos instrumentais.

GUERRA-PEIXE (Petrópolis, 1914)

Cesar Guerra-Peixe, nascido em Petrópolis, iniciou o estudo de violino na Escola de Música Santa Cecília, onde obteve uma medalha de ouro e três de prata, tornando-se depois professor da mesma escola. Prosseguiu seus estudos com Paulina d'Ambrosio, concluindo o curso na atual Escola de Música da UFRJ. Interessado pela composição e sob o influxo de leituras de Mário de Andrade, passou a estudar matérias teóricas e Composição com Newton Pádua - quem foi realmente seu grande mestre, terminando o curso no Conservatório Brasileiro de Música. A seguir, trabalhou sob a orientação de H.-J. Koellreutter, tornando-se um dos vanguardistas da época (década de 40). Após importantes execuções que tiveram na Europa (BBC de Londres, rádios de Bruxelas, Zurique e Roma e em concertos diversos) suas obras vasadas no expressionismo dodecafônico, renunciou a essa orientação e passou a residir em Pernambuco, a fim de estudar o folclore na própria fonte, prosseguindo suas pesquisas em S. Paulo. No seu livro "Maracatús do Recife" e em colaborações para a imprensa deu conhecimento da sua atividade de pesquisador.

Detentor de prêmios de composição, que poderiam ter-lhe valido viagens para o exterior, recusou várias oportunidades de fazê-lo. Leciona matérias teóricas e Composição e, em que pese sua posição de nacionalista convicto, jamais impôs essa orientação aos seus alunos.

As *Variações Opcionais* foram compostas para a II Bienal de Música Brasileira Contemporânea e é a primeira obra de que se tem notícia para violino e acordeão. Acredita o compositor que o acordeão, instrumento popular por excelência, seria um dos meios válidos para trazer o público leigo aos concertos.

Cânticos Serranos Nº 2 é uma suite para canto e piano, sobre versos do poeta Raul de Leoni, também natural de Petrópolis. As canções expressam o modo simples e espontâneo que caracteriza as obras de Guerra Peixe nos últimos anos. Esta suite é dedicada à cantora Maria da Glória Capanema, a quem cabe fazer esta 1ª audição absoluta, após a gravação em disco prestes a ser lançado. Na versão para a II Bienal, o autor anexou, sem alterar o original, partes de clarinete e violoncelo.

JOSÉ SIQUEIRA (Conceição, Paraíba, 1907)

Graduado em Composição e Regência pela Escola de Música da UFRJ, foi professor de Composição da mesma durante 40 anos, tendo sido jubilado em 1969.

Nos anos de 1954-55, estudou Musicologia na Sorbonne e no Conservatório de Paris, na qualidade de catedrático da UFRJ, freqüentou as classes de Composição, Estética e Regência, de que eram titulares, respectivamente, Tony Aubin, Olivier Messiaen e Eugene Bigot. Ainda no domínio de sua formação, especializou-se em Regência com Eugen Szenkar, Diretor Artístico da O. S. B., de 1940 a 1950.

Espírito dinâmico e empreendedor, deve-se-lhe a criação de importantes organismos que tiveram marcante atuação na vida musical do Rio de Janeiro e do Brasil, como a Orquestra Sinfônica Brasileira, a Orquestra Sinfônica do Rio de Janeiro, a Orquestra de Câmara do Brasil, a Sociedade Artística Internacional, a União dos Músicos do Brasil e a Ordem dos Músicos do Brasil.

Compositor fecundo, sua obra é vasta e diversificada por muitos itens, podendo citar-se: 2 óperas, 8 bailados, 2 oratórios, 10 cantatas, 4 sinfonias, 3 Concertos para piano e orquestra e igual número para violino e orquestra, 6 poemas sinfônicos, 3 suites, 3 Divertimentos, vários Concertinos para diversos instrumentos etc. No domínio da música de câmera - 3 Quartetos e 5 Trípticos para quarteto de cordas, 4 Divertimentos para quartetos de sopros, sonatas para violino e piano, violoncelo e piano etc.

Três Invenções para instrumentos de metal. Siqueira produziu muitas obras de escrita polifônica, na forma de invenção, destinadas a diversos agrupamentos. As 3 Invenções constantes do programa do 4º Concerto da II Bienal estão assim concebidas: a) Andante con moto; b) Tempo de Modinha; c) Tempo de Dança, todas vasadas numa linguagem inteiramente atonal.

Sua destinação instrumental é a seguinte: 2 trompetes, 1 trompa, 1 trombone e 1 tuba.

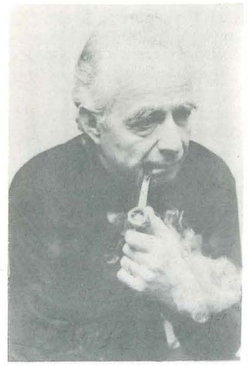
HANS-JOACHIM KOELLREUTTER (Freiburg, 1915)

Uma nota biográfica de Koellreutter seria demasiado extensa se tentasse simplesmente relacionar as áreas geográfico-musicais no Brasil e no exterior, onde se fez sentir sua atuação como organizador de movimentos, galvanizador de energias musicais e professor e orientador de vocações. No Brasil só teria um contrapeso ou *pendant* em Camargo Guarnieri. Mas por disciplina e para uniformidade dos textos, adote-se o procedimento comum.

Nascido em Freiburg, Alemanha, hauriu sua formação musical na Academia Estadual de Música (Berlim) e no Conservatório de Música de Genebra, figurando entre os seus mestres: Marcel Moyse e Gustav Schek (flauta), Kurt Thomas (Composição) e Kurt Thomas e Hermann Scherchen (Regência). Seu diploma de Composição, datado de 1937, foi conquistado no Conservatório de Genebra. Transferindo-se para o Brasil sob a pressão da ascensão do nazismo e dos azares da guerra, logo integrou-se em nosso meio musical, tendo sido professor do Conservatório de Música do então Distrito Federal (1938 a 1940), produtor responsável pelo programa "Música Viva" da Rádio MEC (1939/1942), professor do Instituto Musical de São Paulo (1946/1948) e membro da Orquestra Sinfônica Brasileira (1939/1942).

O movimento *Música Viva,* por ele fundado no começo da década de quarenta atraiu muitos compositores jovens, entre os quais Santoro, Edino Krieger e Guerra Peixe, que aí adestraram-se no conhecimento do dodecafonismo , então novidade no Brasil.

Ampliando a área de sua atuação, foi fundador e Diretor da "Escola Livre de Música" (hoje Seminários de Música Pró Arte de S. Paulo), de 1952 a 1958; fundador e diretor da Escola de Música da Universidade Federal da Bahia (1954/1962); posteriormente, no exterior, Chefe do Departamento de Programação Internacional do Instituto Goethe, Munique (1963/64), Diretor do Instituto Cultural da República Federal da Alemanha (Nova Delhi) e Representante Regional do Instituto Goethe para a India e Sri Lanka (1964/69) etc. A partir de



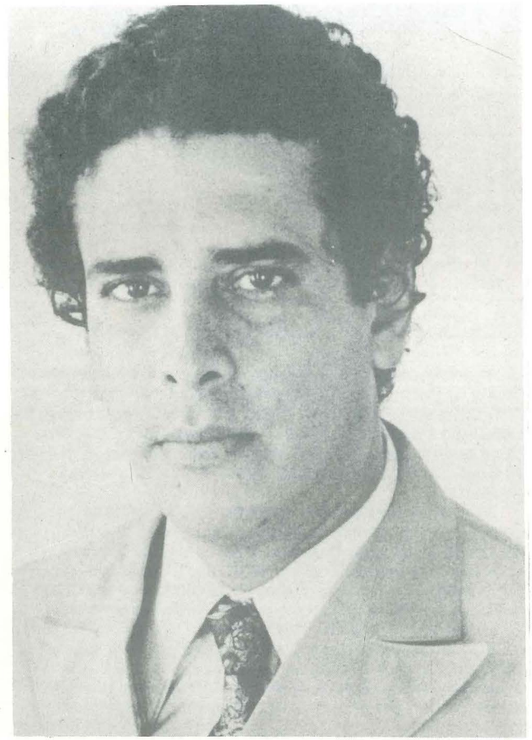
então sua atividade estende-se ao Japão e à Coréia do Sul, até 1975 quando se torna Diretor do Instituto Cultural Brasil-Alemanha, a partir de 1975.

Como compositor, seu catálogo é abundante, distribuindo-se por itens de música tonal, dodecafônica, serial e aleatória.

No caso particular da II Bienal de Música Brasileira (Koellreutter é brasileiro naturalizado), interessa a referência à sua peça *Tanka III* para harpa e voz (1975), que aqui será apresentada em 1ª audição mundial.

Tanka é o nome de um poema japonês constituido de 5 versos de 5, 7 e 5 pés na 1ª parte; 7 e 7 pés (2ª parte), que o compositor traduziu em termos musicais.

O texto, intitulado "Yume no naka no hito" (homem no sonho), é de autoria de Sh. Mukai. A ordem da composição é serial, obedecendo aos princípios da composição planimétrica. De importância especial nesta obra são as proporções que determinam as relações entre o som e silêncio e os elementos de expectativa e de surpresa.



LINDEMBERGUE CARDOSO (Livramento, Bahia, 1939)

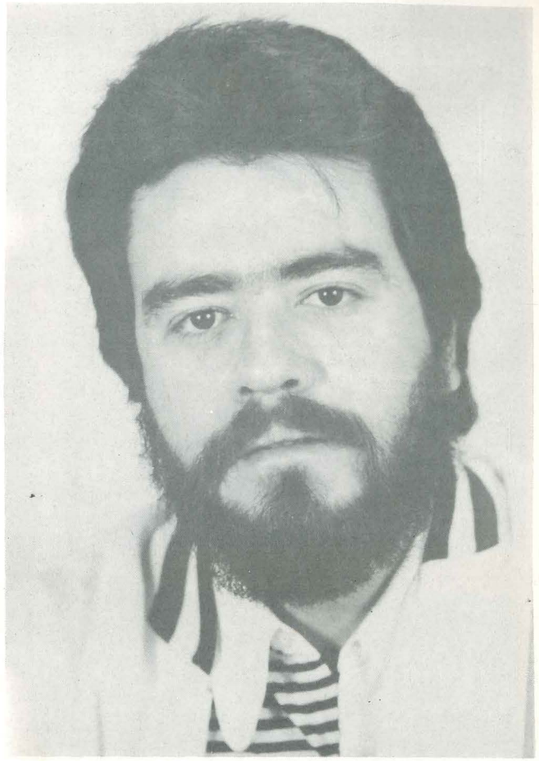
Diplomado pela Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal da Bahia e fagotista da Orquestra Sinfônica da Bahia, Lindembergue Cardoso é professor de Composição da Escola em que se diplomou. Membro fundador do Grupo de Compositores da Bahia e da Sociedade Brasileira de Música Contemporânea, da qual ocupa o cargo de Secretário Geral, é também representante dos Auxiliares de Ensino na Congregação da Escola de Música e Artes Cênicas. Ao lado dessa posição de múltiplo desempenho, é regente do Coral Universitário da mesma Escola e do Madrigal do Banco Econômico da Bahia.

Participou, como professor de Composição, de vários Festivais de Inverno de Ouro Preto, do II Festival de Música Nova da Bahia e do 2º Curso de Verão de Brasília.

Como regente do Madrigal da Universidade da Bahia, apresentou-se no 1º Festival Internacional de Corais Universitários, promovido pelo *Lincoln Center for the performing Arts* (Nova York), realizando nessa oportunidade uma "tournée" pelos Estados Unidos.

No plano da criação musical, vem produzindo um conjunto de obras que de ano para ano aumenta numericamente e se enriquece de valores estéticos traduzidos numa linguagem de forte cunho pessoal. Entre elas figuram o *Trio, Via Sacra, Procissão das carpideiras, Captações, Espectros, Kyrie-Christe, Sincronia, Os atabaques de Pombagira* e *Réquiem para o sol,* todas elas premiadas, algumas editadas (inclusive na Alemanha).

Réquiem para o sol inspira-se num "programa" que pode ser assim resumido: ciclo vital do sol - nebulosa, nascimento, vida e morte futura. A energia, o movimento, a luz, os corpos em gravitação, e a trajetória no espaço estão simbolizados através de conjuntos sonoros e rítmicos, Um canto suspenso no ar, o fim...

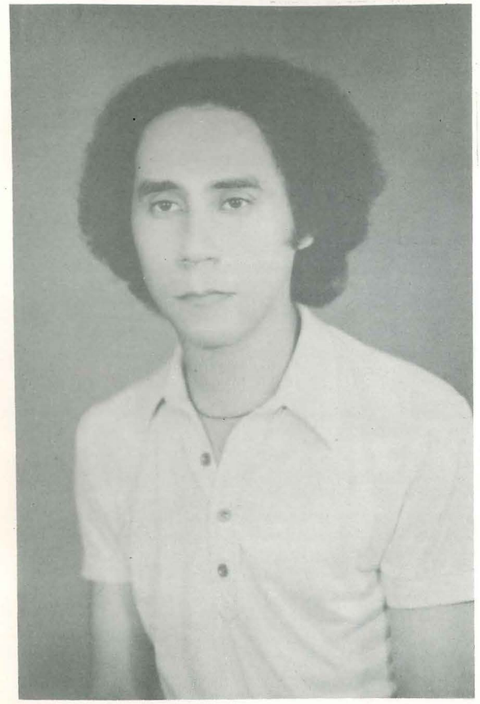


ALMEIDA PRADO (Santos, 1943)

Nascido em Santos, em 1943, Almeida Prado fez seus estudos de piano com Dinorah de Carvalho, matérias teóricas com Oswaldo Lacerda e Composição com Camargo Guarnieri. Graças ao 1º Prêmio conquistado com seus *Pequenos Funerais Cantantes* (I Festival de Música da Guanabara, 1969), transferiu-se para Paris, onde estudou com Olivier Messiaen e Nadia Boulanger de 1969 a 1973.

É autor de numerosas obras para canto, piano e orquestra, muitas delas figurando com freqüência nos festivais de música nova da Europa e das Américas e no repertório de várias orquestras, conjuntos e solistas. No Festival Outono de Varsóvia, de 1975, uma de suas obras teve estréia mundial.

É editado pela Tonos Darmstadt, Alemanha.



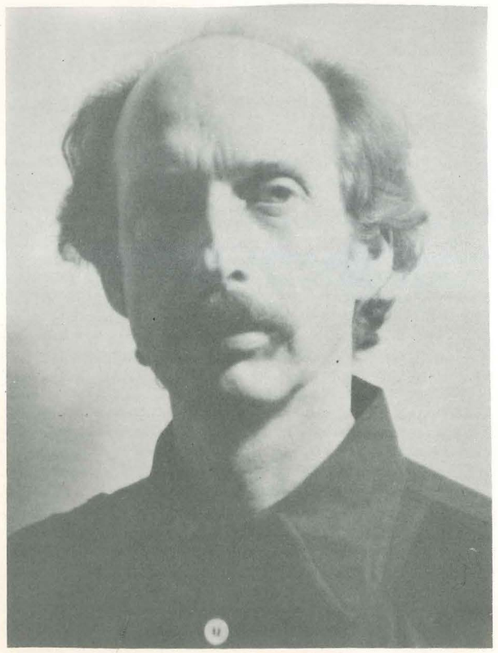
AGNALDO RIBEIRO (Jequié, Bahia, 1943)

Nascido em Jequié, na Bahia, Agnaldo Ribeiro estudou na Escola de Belas Artes e na Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal da Bahia, licenciando-se em desenho e obtendo a graduação como Compositor, para o que teve como professores Jamary Oliveira e Ernst Widmer. É membro do Grupo de Compositores da Bahia, tendo cinco obras premiadas.

Dedicando-se também ao magistério, é Professor Colaborador de Literatura e Estruturação Musical e de Educação Musical na Escola de Música e Artes Cênicas.

Korpus-et-Antikorpus'' conquistou o 1º Prêmio ''Universidade Federal da Bahia'' e o Prêmio do Público do Instituto Goethe de Salvador, no Concurso Nacional de Composição ''Conjunto Música Nova'' — UFBA - 1975.

Estruturalmente, trata-se da tentativa de juntar-se a um plano, que se forma do nada, um novo elemento. O plano reage sempre, eliminando-o ou transformando-o nas suas consecutivas aproximações. A interferência inexistente desencadeia uma reação final, mas confirma a fusão do novo elemento e tudo se tranquiliza e se dilui em repouso. Silêncio. Outro corpo em formação.



ERNST WIDMER (Aarau, Suiça, 1927)

Nascido em Aarau, Suiça, Ernst Widmer fez, no Conservatório de Zurique, Composição, licenciatura em música e piano, respectivamente com Willy Burkhard, Paul Muller e Walter Frey.

Transferindo-se para o Brasil em 1956, radicou-se na Bahia de cuja Universidade Federal passou a fazer parte como um dos mais dinâmicos professores na área da música. Atualmente Diretor da Escola de Música e Artes Cênicas e Professor Titular do Departamento de Música, é ainda membro fundador do *Grupo de Compositores da Bahia*, dinâmico e fecundo círculo de cultivo, debate e crítica de processos composicionais e orientação estéticas, cujo prestígio se propaga por todos os centros artísticos do país. Por fim, Ernst Widmer é o coordenador geral dos Festivais de Arte Bahia.

16 prêmios nacionais e internacionais de composição testemunham a robusta validade de sua obra.

Naturalizado brasileiro em 1965, é Comendador da Ordem do Mérito da Bahia.

''*Ignis*'' Op. 102 foi composto para o Conjunto Música Nova da Universidade Federal da Bahia. Integrando o ''Ciclo de Morfoses'' e situado entre ''Incerto Nexo'' (F. Pessoa) e ''Paradigma'',''*Ignis*'' representa a fase de cristalização. O que se mostrava apenas latente ou plasmódico em ''Morfose I'', chegando à forma incipiente em ''Morfose II'', toma agora forma definida. O compositor não preconcebeu esta forma; ela aconteceu espontaneamente.

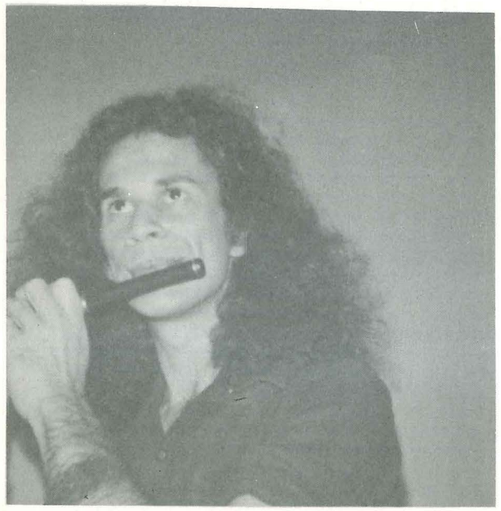
LUIZ CARLOS VINHOLES (Pelotas, 1933)

Nascido em Pelotas, em 1933, Luiz Carlos Vinholes estudou Composição nos Seminários Pro Arte, em São Paulo.

Desde 1961 serve na Embaixada do Brasil em Tóquio, tendo sido Delegado do Brasil no Simpósio UNESCO - Aika (Tóquio, 1966).

Tempo - Espaço nº 9 é uma obra escrita dentro dos princípios de relacionamento tempo-espaço criados pelo autor. O material básico usado é o ''acorde mi'' — quarto da série de acordes do instrumento de sopro ''Sho'' empregado no ''Gagaku'', música tradicional do Japão.

A obra conquistou ''Menção honrosa'' no Concurso Nacional de Composição ''Conjunto Música Nova'' — UFBA, 1975.



RUY BRASILEIRO BORGES (Bahia, 1950)

Nascido em 1950 na Bahia, Ruy Brasileiro Borges estudou composição com Ernst Widmer na Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal da Bahia. Atualmente integra a Orquestra Sinfônica Municipal de Campinas, tocando flauta e flautim.

Paralelamente à atividade de músico de orquestra e à composição musical, Ruy Borges faz experiências com a pintura.

O título de sua obra programada para esta Bienal é o seguinte:

— ''Já disse, ora!
— Ora o que? Hora de relógio?!
— Não; ora! ora! O.R.A.''

Foi escrita para 13 instrumentos, tendo recebido o Prêmio de Público no Concurso Nacional de Composição ''Conjunto Música Nova da UFBA'', realizado em Salvador, 1976. A peça também foi apresentada na semana ''Música Brasileira Hoje'', realizada no Teatro Municipal de São Paulo, também em 1976.

FERNANDO CERQUEIRA (Ilhéus, 1941)

Fernando Barbosa de Cerqueira nasceu em Ilhéus a 5 de setembro de 1941. Em Salvador fez seus estudos de filosofia e música. Cursou Composição com E. Widmer, Clarinete com W. Endress e W. Beck e Canto com Sonia Born. Diplomou-se em 1969 pela Escola de Música e Artes Cênicas da UFBa.

Suas atividades profissionais, entretanto, já haviam começado antes, em 1962, como cantor e compositor no Madrigal da UFBa, participando de temporadas e festivais, entre eles o I Festival de Corais Universitários em Nova York (1965) e a trilha sonora do filme "Nahia, por exemplo". Como clarinetista foi membro da Orquestra Sinfônica da UFBa, atuando também em conjuntos de câmara e grupos experimentais. Membro fundador do Trio e do Quinteto de Sopros da Universidade de Brasília, além de integrante do grupo de música antiga e contemporânea "Modalis et Atonalis", como instrumentista e cantor.

Como compositor, é membro fundador do Grupo de Compositores da Bahia, junto ao qual desenvolveu atividades de pesquisa e experimentação. Dotado de aguda curiosidade artística, compôs vários audi-complementos para o Grupo de Dança Moderna da UFBa e trabalhou com o Grupo de Dança Experimental da Bahia, dirigindo a parte musical do espetáculo "Invenções". Fernando Cerqueira ainda participou de festivais nacionais e internacionais, nos quais obteve significativas premiações com as obras *Heterofonia do tempo, Decantação e Quanta*. Finalmente, em julho de 1976 obteve o 1º Prêmio no Concurso Nacional de Composição "Conjunto de Música Nova da UFBa", com a obra *Parábola*.

Também no terreno do magistério tem exercido a atividade do compositor. Lecionou no Departamento de Música da Universidade de Brasília de 1970 a 1975, ministrando as disciplinas Oficina Básica da Música, Introdução à Música, Composição Musical e Clarinete. Em agosto de 1975 retornou a Salvador para reintegrar o corpo docente da Escola de Música e Artes Cênicas, onde atualmente leciona Integração Artística e Composição.

Parábola, para conjunto de câmara (1976). Na obra foram empregados recursos a partir da ambivalência do termo (em literatura e em geometria). Na organização do jogo sonoro da peça certos sons(p. exemplo a nota si) atuam como focos para movimentos de timbre e altura. Houve também a intenção de manter os elementos de forma-conteúdo, intrinsecamente relacionados. Apesar de não pretender "narrar" uma parábola, a estrutura da obra desencadeia-se a partir da análise da Parábola do Semeador:

"Saiu o semeador / a semear suas sementes: / algumas cairam nos caminhos / foram pisadas, / aves do céu as comeram; / outras cairam entre pedras e espinhos, / sufocadas, feneceram; / uma pequena parte caiu em terra fértil, / germinou e deu frutos".

Transpondo o conteúdo para uma problemática contemporânea, onde está escrito "semente", leia-se: mensagem.

AYLTON ESCOBAR (São Paulo, 1943

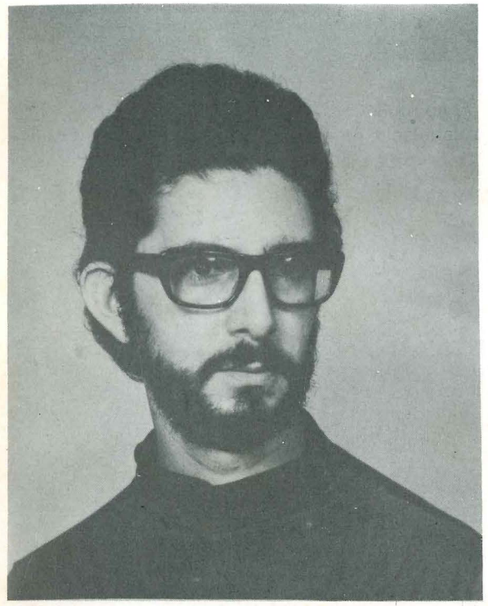
Nascido em São Paulo, em 1943, Aylton Esobar teve por mestres Marília Martins, Magda Tagliaferro, Eliane Sampaio, Oswaldo Lacerda e Camargo Guarnieri. Em 1970 estagiou no Laboratório de Música Experimental da Universidade de Columbia, em Nova York. Este não foi, entretanto, seu primeiro contato com o meio musical americano. Dois anos antes havia participado do IV Festival Inter-Americano de Música, em Washington, apresentando toda uma parte de um concerto com suas obras.

Sua atividade como compositor tem-lhe valido sucessivas premiações: 1º Prêmio (por unanimidade) no Concurso de Obras Corais da Guanabara (1964); Prêmio Molière — Air France de viagem à Europa por trabalhos de música para teatro (1969); 1º Prêmio (por aclamação popular) no I Festival de Música da Guanabara; 3º Prêmio no II Festival de Música da Guanabara — Música de Câmara e 1º Prêmio (por aclamação popular) para Orbis Factor, Missa Brevis, (1970); Prêmio Associação Paulista de Críticos de Arte — Melhor Obra para Dança — com o bailado "*Quebradas do Mundaréu*", realizado pelo Ballet Stagium (1975); Prêmio Govêrno do Estado de S. Paulo: Melhor Obra Vocal (1974) e novamente Prêmio Associação Paulista de Críticos de Arte — Melhor Obra Experimental (1976).

Movimentos — para clarinete, violino, violoncelo e piano é um trabalho escrito em 1972, por encomenda do Instituto Cultural Brasil-Alemanha, tendo sido apresentado ao público em 1ª audição mundial na Sala Cecília Meireles, naquele mesmo ano. Divide-se em 4 partes, executadas sem interrupção: 1. Elementos; 2 — Conjunção; 3 — Degeneração e 4 — Epílogo.

Após intervenções sonoras esparsas que provocam uma atmosfera de primitivismo de atitude instrumental e acústica, uma célula temática é proposta pelo clarinete. A partir daí um diálogo se faz necessário. Mas, não obstante a ocorrência de desenvolvimento temático, o diálogo não se estabelece pois são totalmente independentes as falas e caótica a simultaneidade dos monólogos. O paroxismo avoluma-se e através de "clusters" de âmbitos sempre maiores, o piano estabelece a inviabilidade do diálogo. A obra atinge seu climax, o ponto de culminância. Na inversão das falas anteriores, na reinterpretação dos motivos através da troca de timbres — o que ocorre no trecho Degeneração — os 4 instrumentos regridem gradativamente aos elementos primitivos esparsos e à acomodação com a incapacidade do diálogo.

Finalmente, o Epílogo faz-se ouvir na voz única do clarinete — proponente e lúcida — que, mesmo cançada, insiste na célula temática e a repete em alturas sempre mais graves e roucas, até perder-se exausta.



RICARDO TACUCHIAN (Rio de Janeiro, 1939)

Diplomado pela Escola de Música da UFRJ em Piano, Composição e Regência, estudou Composição com José Siqueira, Francisco Mignone e Claudio Santoro. Tendo feito um curso de aperfeiçoamento em Regência com Hans Swarowsky, freqüentemente apresenta-se à frente de diferentes conjuntos instrumentais e vocais. Tendo sido um dos fundadores do Conjunto Ars Contemporânea, especializado em música do séc. XX, com ele realizou 1ªs audições brasileiras de obras de autores nacionais e estrangeiros, nas principais salas do Rio.

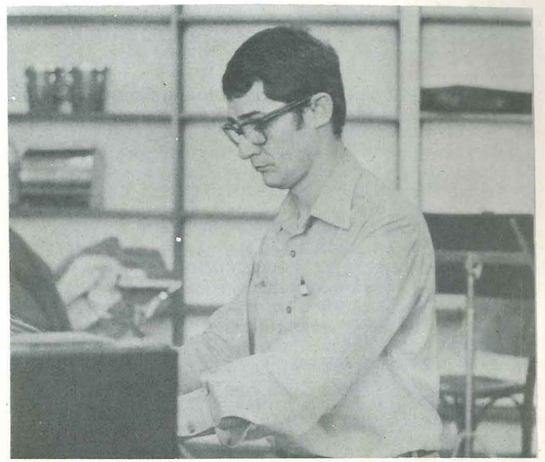
De sua produção como compositor destacam-se 1 Quarteto de Cordas, 1 Quinteto de Sopros, Sonatina para violoncelo e piano. 2 Sonatas para piano (ambas gravadas em disco), 2 Cantatas (Cantata dos Mortos e O Canto do Poeta, esta última gravada em disco), Concertino para flauta e orquestra de cordas, Divertimento para violino e orquestra de cordas etc. Obras sinfônicas: Dia de chuva, Imagem carioca, Estruturas Sinfônicas, além de várias peças para canto e piano, para instrumentos solistas e para coro. De sua bagagem, o autor considera mais importante a série de obras subordinadas ao título genérico de "Estruturas", para diferentes organismos instrumentais: Estruturas Sincréticas 1970), Simbólicas (1973), Obstinadas (1974), Primitivas (1975), Verdes (1976), Sinfônicas (1976 e Divergentes (1977).

Este ano, Tacuchian representou o Brasil na Tribuna Internacional dos Compositores (Paris), instituída pela UNESCO, com a obra Estruturas Primitivas.

Além da composição, desenvolve intensa atividade no magistério: é professor de História da Música da Escola de Música da UFRJ, tendo realizado palestras e cursos em congressos, encontros e cursos universitários.

Estruturas Verdes, para piano, violino e violoncelo, é um poema musical de inspiração ecológica, para cuja criação o autor se sentiu motivado contemplando uma área verde nas imediações de sua residência. Divide-se em 3 movimentos: I — Moderato — Allegro ma non troppo — Lento. II — Andante. III Allegretto.

A obra será executada na versão para piano, viola e violoncelo.



WILLY CORRÊA DE OLIVEIRA (Recife, 1938)

Nascido em Recife, Willy Corrêa de Oliveira estudou composição com Olivier Toni (1961). Em 1962, graças a bolsa dos governos brasileiros e alemão, viajou à Europa, onde permaneceu até 1963, freqüentando os principais laboratórios de música eletroacústica e os cursos de Darmstadt (Henri Pousseur, Stockhausen, Luciano Bério e Boulez). Ainda em Darmstadt realizou uma conferência sobre a poesia concreta brasileira.

Em 1968, dirigiu a cadeira de "Estruturas da linguagem poética" na Escola Superior de Propaganda (S. Paulo) e desde 1970 é professor de Composição e Análise do Departamento de Música da Universidade de S. Paulo No plano teórico, vem desenvolvendo intensa atividade como conferencista, bem como colaborando em jornais e revistas de arte. Seu livro "Estrutura Interna da Linguagem" está em vias de conclusão.

Quanto à orientação como compositor, após um período nacionalista (assinalado pela intervenção do cromatismo no modalismo do nordeste), adotou o dodecafonismo. Atualmente desenvolve um trabalho baseado em estruturas sintáticas "que se movem sobre eixos semânticos de direcionalidade".

La flamme d'une chandelle para flauta, óboe, clarinete, trompa, piano, viola e violoncelo. A obra é motivada pelas sugestões de Gaston Bachelard — La flamme d'une chandelle: "Se elevo os olhos do livro e vejo a vela em vez de estudar, sonho. Então as horas vagam sobre o ermo vale. As horas ondulam entre a responsabilidade de um saber e a liberdade dos sonhos, está assim fácil liberdade de um homem solitário".

O autor considera, além desse dado poético: "O 2º movimento do Concerto K 456 de Mozart propõe uma série de variações que se revelam como movimentos que transcendem as malhas de relações estruturais. Ao mesmo tempo: variações sobre um tema (no campo de uma sintaxe de nível complexo e de sutilíssimas inter-relações, e: variações semânticas sobre o tema — sentido como anima — prenhe dos mais diversificados gestos da paixão. Em continuidade, em transformações."

Todo o material de "*La flamme d'une chandelle*" se origina em visões do tema do Andante um poco sostenuto daquele Concerto de Mozart. Cada fragmento, por menor que seja, rescende à sua origem temática, "Os fragmentos, modulações estruturais, concatenam-se para a formação de momentos/movimentos (cada um expressando seu próprio contedo gestual) em uma série de variações sobre "o que pode ser dito" e "o que só pode ser calado".

JORGE ANTUNES (Rio, 1942)

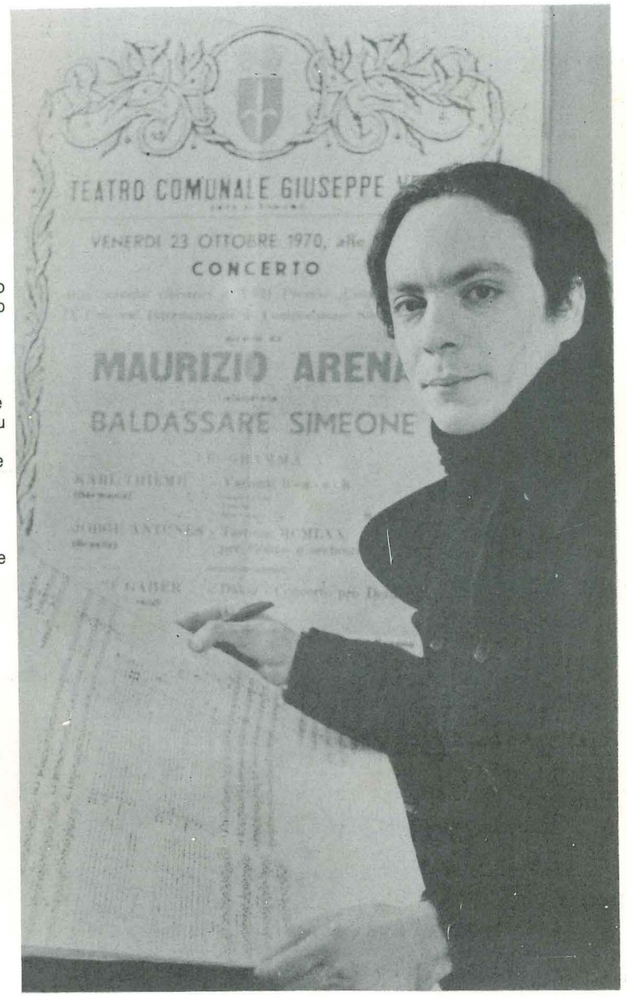
Jorge Antunes iniciou seus estudos musicais em 1958, ingressando dois anos depois na Escola de Música da UFRJ, onde estudou violino, composição e regência. Foram seus mestres de composição, no Brasil, José Siqueira e Guerra Peixe.

Em 1965 iniciou pesquisas no domínio da correspondência entre sons e cores, compondo as *Cromofonias e Cromoplastofonias,* participando de Salões de Artes Plásticas com seus "Ambientes" que utilizavam simultaneamente o som eletrônico, a cor, a luz, o odor, o paladar e o tato. Premiado em concurso promovido pelo Instituto Torcuato Di Tella, de Buenos Aires, ali estudou como bolsista, até 1970, com Ginastera, Gerardo Gandini, Luiz de Pablo e Francisco Kroepfl. Em 1971 estudou música cibernética na Universidade de Utrecht, Holanda, e de 1972 a 73 foi estagiário no Groupe de Recherches Musicales de Paris, trabalhando sob a direção de Schaeffer, Bayle e Reibel. Finalmente, entre novembro de 1976 e março deste ano, Antunes esteve em Paris para defender sua tese "*Son Nouveau, Nouvelle Notation*", que lhe valeu o título de Doutor em Estética Musical pela Universidade de Paris. Desde 1973 é professor de Composição Musical da Universidade de Brasília, onde fundou o Grupo de Experimentação Musical que já realizou *tournées* de concertos no Brasil e em dez países da Europa. Detentor de numerosos prêmios nacionais e estrangeiros (Trieste - 1970, Angelicum - 1971, Gaudeamus - 1971, Rovereto - 1972 etc.), sua obra é publicada por importantes editoras européias: Suvini Zerboni, Gerig, Salabert, Zimmerman, SIMC (1971, 1972 e 1973), Bienal de Paris, Gaudeamus, Diorama de Génève etc.

Vórtices, para quinteto de sopros, foi escrito em 1975 para o Quinteto de Sopros da Universidade de Brasília, que acaba de apresentá-la em primeira audição mundial durante o III° Encontro Nacional de Compositores em Brasília.

Esta obra explora a tradicional configuração espacial, no palco, dos integrantes do quinteto sentados em círculo, para desenvolver a idéia musical do "vórtice": "o som em redemoinho".

Num desenrolar estrutural não acadêmico, não discursivo, apresenta e desenvolve variações em torno de idéias sonoro-musicais que reportam à idéia plástica do "vórtice": o redemoinho, a espiral, o som que circula com transformações tímbricas, a espiral sonora que se desintegra em pontos esparsos no espaço, o melisma, a "faisca sonora" que glissa vertiginosa, o arco-iris, "o lamento melismático de sons atáxicos."



VANIA DANTAS LEITE (Rio de Janeiro)

Diplomou-se em piano, composição e regência pela Escola de Música da UFRJ, prosseguindo, entretanto, até hoje, seus estudos de composição com Esther Scliar.

Em 1972 foi premiada no Concurso Nacional de Composição promovido pela Ordem dos Músicos do Brasil, obtendo em 1973 o 3° lugar no Concurso Mozart de Regência. No ano seguinte estagiou em Londres no Electronic Music Studios, passando então a dedicar-se também à música eletro-acústica.

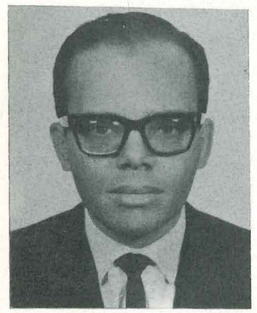
É professora da Escola de Música Villa-Lobos, na classe de Criação Musical.

"*Ainda*" é um trabalho baseado no primeiro poema do livro "*Aún*" de Pablo Neruda (traduzido para o português por Olga Savary). A música procura concretizar a intencionalidade da poesia — uma identificação do homem com a Natureza. O canto (soprano) representa a linguagem poética, forma de comunicação expressiva, assim como a fala (atriz) a linguagem verbal, a necessidade de o homem comunicar-se simplesmente através dos seus signos, as palavras. Nos 4 canais de sons eletrônicos (2 de fita magnética pré-gravada e 2 de sintetizador ao vivo), há a utilização de sons também da natureza que buscam a união das duas linguagens (poética e verbal), tentando uma aproximação da representação sensorial sonora com as palavras utilizadas pelo poema.

"*A Arca de Noé*". Trata-se de um trabalho de criação coletiva do Conjunto "Ars Contemporânea" sobre uma montagem de dois poemas (de Bertholt Brecht e de Henrik Ibsen). Baseados numa estrutura formal pré-estabelecida, os executantes têm momentos de liberdade para expressar, através da linguagem musical, suas sensações individuais em relação ao clima poético exposto pelo ator e pela atriz.

Integram ainda obra 4 canais de sons eletrônicos (2 de fita magnética pré-gravada e 2 de sintetizador ao vivo).

Montagem eletro-acústica e direção a cargo de Vânia Dantas Leite.



MURILLO SANTOS (Rio de Janeiro)

Natural do Rio, iniciou seus estudos de piano aos 6 anos de idade com a Profª Liddy C. Mignone, no Conservatório Brasileiro de Música, ingressando mais tarde na Escola de Música da UFRJ, onde cursou a classe de Arnaldo Estrela. Conquistou diversos prêmios como pianista e nessa qualidade dedicou-se também à música de câmara, tendo atuado com outros consagrados instrumentistas, tanto no Brasil como no exterior.

Em 1970 diplomou-se no Curso de Composição e Regência da Escola de Música da UFRJ, onde teve por mestres José Siqueira, Henrique Morelembaum e Eleazar de Carvalho. Fez ainda estudos teóricos com Paulo Silva, Francisco Mignone, Esther Scliar e Guerra Peixe.

Em 1973 obteve o 1° Prêmio no Concurso de Composição promovido pela Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro, no setor de Música de Câmara. E no ano seguinte conquistou o 2° lugar no II Concurso Nacional de Composição instituído pelo Instituto Cultural Brasil Alemanha com a peça "*In Memoriam*", que teve estréia mundial realizada pela Orquestra de Câmara de Colônia em sua excursão latino-americana. Recentemente, participou da Tribuna Internacional de Compositores (UNESCO, Paris), como representante do Brasil.

É membro da Orquestra Sinfônica do Teatro Municipal e Professor Assistente da classe de Composição da Escola de Música da UFRJ.

Ludus é uma composição constituída de sete seções inter-relacionadas pelo uso constante de uma célula temática de 3 notas; os contrastes agógicos e dinâmicos e os efeitos instrumentais, marcadamente fortes, caracterizam o aspecto lúdido da obra.

OSWALDO LACERDA (São Paulo, 1927)

Oswaldo Lacerda nasceu em S. Paulo, orientando-se para a música desde a infância. De 1952 a 1962 estudou Composição com Camargo Guarnieri, a quem deve o início de sua carreira e sob cuja orientação formou sua personalidade de compositor. Seu estilo caracteriza-se por um refinado nacionalismo, fruto de um conhecimento amadurecido da música brasileira, aliado a sólido domínio das técnicas modernas de composição. Em 1963, sob os auspícios da Fundação Guggenheim, viajou para os Estados Unidos onde permaneceu por um ano, recebendo aulas de composição de Vittorio Giannini em Nova York e de Aaron Copland em Tanglewood. E em maio de 1966 voltaria à América como um dos compositores escolhidos pelo Itamarati, para representar o Brasil no Seminário Interamericano de Compositores (Universidade de Indiana) e no III Festival Interamericano de Música, em Washington. Suas obras são objeto de freqüentes execuções no Brasil e no exterior e abrangem peças para piano, canto e piano, coro, conjuntos de câmara, orquestra e banda. Muitas delas são editadas, inclusive por importantes casas da Europa (*Schott*, *Moeck*, *Gerig* e *Tonos*, da Alemanha) e dos Estados Unidos União Panamericana, Paul Price.

Seguindo seu mestre até na coleção de prêmios (de que Guarnieri é um recordista, sem dúvida alguma), Oswaldo Lacerda é detentor dos seguintes: 1° Prêmio no Concurso Nacional de Composição "Cidade de S. Paulo" (1962), com a Suite *Piratininga* para orquestra; 1° Prêmio no Concurso de Composição de Obras Sinfônicas (promovido pela Rádio MEC (1962) com a mesma obra; 2° Prêmio no Concurso de Composição "A Canção Brasileira" (Rádio MEC, 1962) com a canção *Mandaste a sombra de um beijo*; 1° Prêmio no Concurso de Composição e Arranjos para Coro Misto a 4 Vozes (Universidade Federal da Paraíba, 1967) com o coro *Poema da Necessidade* etc. Outras láureas — medalhas e troféus — lhe têm sido atribuídas pela representatitividade de sua obra.

Quatro Movimentos para Orquestra de Cordas (1976)

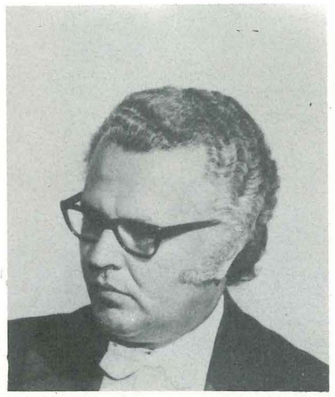
I. *FORTEPIANO*. — Explora o contraste, ora simultaneo, ora sucessivo, entre diversos graus de volume sonoro. Esse contraste é ainda mais acentuado graças a uma oposição, quasi constanti, entre o quarteto de solista e a restante massa orquestral.

II. *TRINADOS E TRÊMULOS*. — Escrito em forma ternária ABA. Na primeira parte (A), os primeiros e segundos violinos desenvolvem uma melodia com caráter de modinha, em trinados. A movimentação rítmica é proporcionada pelo acompanhamento de violas e baixos. A parte central (B) utiliza diversos tipos de trêmulos, e é escrita em técnica dodecafônica. Na sua segunda metade, destaca-se um diálogo entre viola e violoncelo solistas. Segue-se a terceira parte (A·, que é uma repetição integral da primeira (A). O movimento termina com uma Coda, que se encerra bruscamente com dois compassos em unissono.

III. — *PIZZICATO*. — É um choro, em que o pizzicato ininterrupto da orquestra evoca os instrumentos de corda dedilhada (violão, cavaquinho e bandolim), que desempenham papel de relevo na forma mais autêntica do nosso choro popular. Está escrito em forma ternária ABA . Na primeira parte (A), uma melodia contínua se alterna entre as duas metades do grupo de violinos. Na parte central (B), é dado maior relevo aos baixos (violoncelos e contrabaixos). A terceira parte (A^) repete a primeira (A). Segue-se uma Coda, em que irrompe um violoncelo solista tocando surpreendententemente com o arco, no único trecho não-pizzicato do movimento.

IV. — *OSTINATO*. — Dá-se este nome à repetição obstinada de um desenho rítmico, ou rítmico-melódico. Neste movimento, o ostinato consiste em tocar cada duas notas seguidas num único golpe de arco. Essa maneira de tocar se prolonga desde o início até o fim do movimento. Um pouco antes do final, porém, o andamento se torna mais lento e, durante alguns compassos, a orquestra combina um fragmento melódico do I° movimento com os trinados do II°, após o que o ostinato se encerra bruscamente.

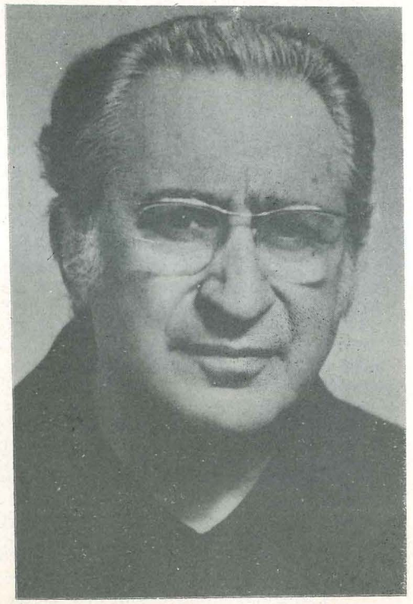
NELSON DE MACEDO (Bahia)



Natural da Bahia, fez seus estudos de violino, viola, composição e regência na Escola de Música da UFRJ, sob a orientação de Paulina d'Ambrosio, Paulo Silva e Eleazar de Carvalho. Como bolsista do govêrno francês, estagiou em Paris, onde teve como professores Etienne Ginot e Serge Collot (viola) e Jacques Ripoche (música de câmara). Como regente, tem atuado à frente das Orquestra Sinfônica Brasileira e Sinfônica do Teatro Municipal, da qual é o 1º viola solo. É responsável: "Os Cameristas" e "Artis Canticum", dos quais é idealizador e regente. Em 1976 gravou cinco LPs de música brasileira para as mais representativas marcas no país (CBS, RCA, Odeon, Continental e Phonogram).

A *Fantasia Concerto para Trombone Tenor e Orquestra* é a terceira escrita por Nelson de Macedo para instrumento solista e, como as anteriores, não tem compromisso com escolas de composição. Composta na forma de Concerto com movimentos interligados, tem início com uma cadência orquestral, onde o autor expõe em combinações tímbricas o motivo melódico que percorre toda a obra. Após o Allegro moderato, segue-se o tempo Lento - solo de trombone sem acompanhamento da orquestra - onde o compositor explora todo o potencial dramático do instrumento. No Allegro final, todos os recursos de glissando e da série harmônica do trombone são trabalhados de maneira ousada, construindo fluente linha melódica.

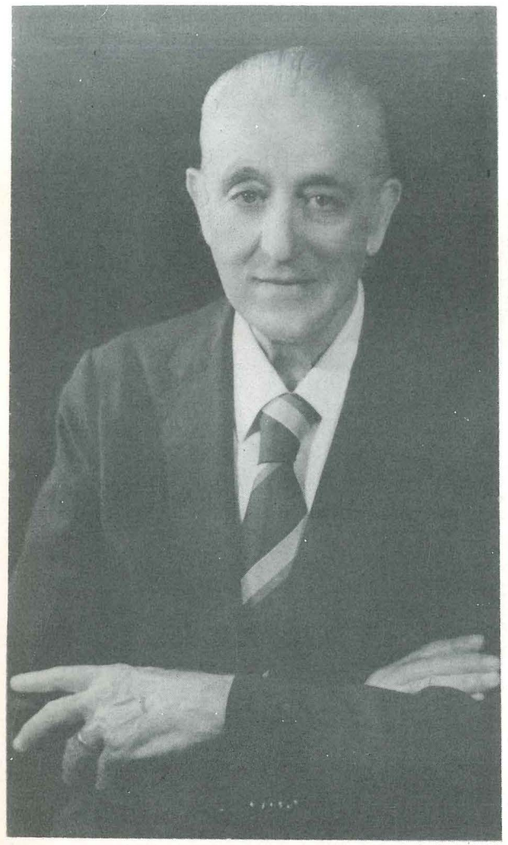
A Fantasia Concerto para trombone tenor e orquestra mereceu o prêmio de Menção Honrosa no Concurso de Composiçaõ da Guanabara em 1973.



CAMARGO GUARNIERI (São Paulo, 1907)

Estudou no Brasil com Ernani Braga, Sá Pereira e Lamberto Baldi, e em Paris com Charles Koechlin e François Ruhlmann. Professor de piano, instrumentação e composição no Conservatório Dramático e Musical de São Paulo, de 1927 a 1938 e novamente a partir de 1960, formou o mais numeroso grupo de compositores jovens do Brasil. É detentor de mais de 20 prêmios nacionais e intercionais e tem suas obras executadas pelas melhores orquestras e os principais intérpretes do país e do exterior. Sua produção é uma das mais volumosas de toda a música atual e inclui os mais diversos gêneros.

No processo de sua evolução prevalece as linhas mestras de um temperamento emotivo — a música para ele é somente emoção, conforme declarou — ao lado do notável poder criador em que a imaginação e a razão se equilibram harmoniosamente. Essa força criadora manifesta-se através de uma linguagem animada pelo desejo de comunicação não hermética nem exótica, mas concisa e de marcado estilo pessoal. Ao lado de Villa-Lobos, é membro fundador da Academia Brasileira de Música, da qual já exerceu a Presidência.



FRANCISCO MIGNONE (S. Paulo, 1897)

Mignone teve os primeiros conhecimentos musicais aprendidos com seu pai, Alferio Mignone, famoso na época como grande flautista da Orquestra Sinfônica Municipal de S. Paulo. Em 1919 diplomou-se pelo Conservatório Dramático e Musical e viajou como pensionista do Estado para Milão, onde se aperfeiçoou com Ferroni. Sua produção musical abrange todos os gêneros musicais: da ópera aos quartetos de corda; das canções à grande orquestra sinfônica, possivelmente o elemento básico e poderoso através do qual dá vasão ao seu exuberante poder criador.

Em Milão, compôs as óperas "O Inocente" e "O Contratador de Diamantes", da qual faz parte a famosa Congada - uma remota e brilhante antecipação do nacionalismo musical. A deliberada orientação nacionalista viria logo depois com as 4 Fantasia Brasileiras para piano e orquestra, os bailados Maracatu de Chico-Rei (obra-prima de bom gosto e orquestração); Leilão e os poemas "Babaloxá" e "Botucajê". De um nacionalismo mais requintado e essencial é a suite *Festas das igrejas,* impressões sinfônicas da religiosidade extrovertida e alegre do povo.

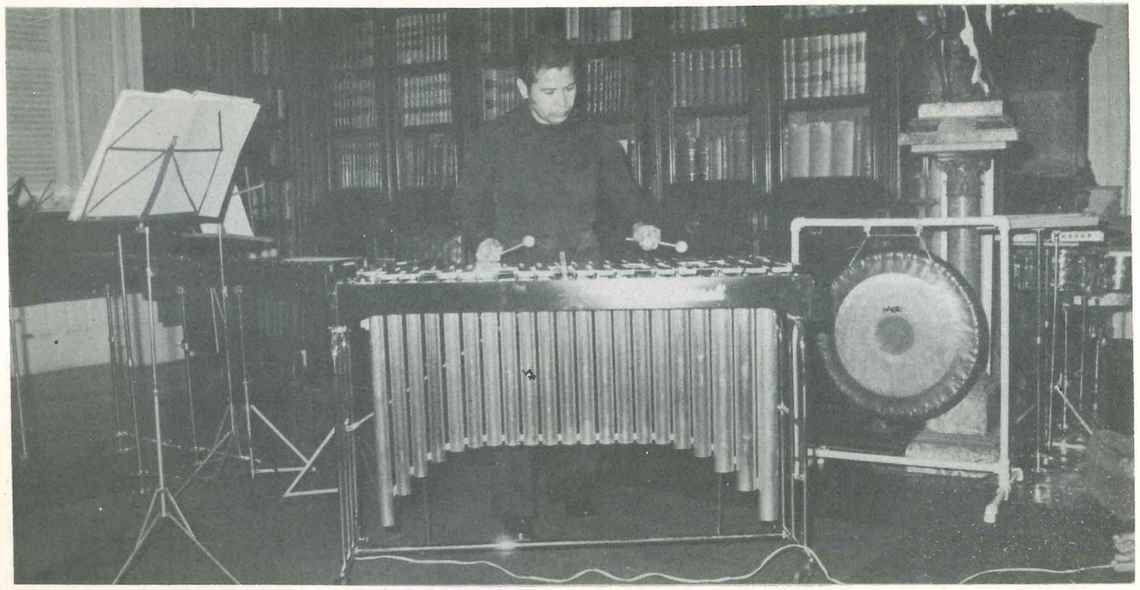
Comemorando seu 80º aniversário com prodigiosa vivacidade, Mignone está preparando mais duas óperas: Memórias de um sargento de milícias (Leandro e Vidinha) e Maria, a louca, texto de Guilherme Figueiredo.

Embora lhe fosse possível figurar nesta Bienal com uma partitura mais dentro do espírito do certame - pois que Mignone as tem e muito válidas, o compositor preferiu fazê-lo com uma obra em que rende tocante homenagem à Ernesto Nazareth, aqui entre ouvido através da verve criadora e das mágicas de jogral da orquestra, terreno em que esse jovial otogenário é inesgotável.

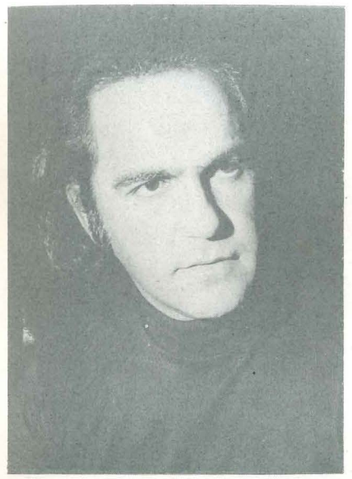
INTÉRPRETES DA II BIENAL

ELEAZAR DE CARVALHO (Regente)

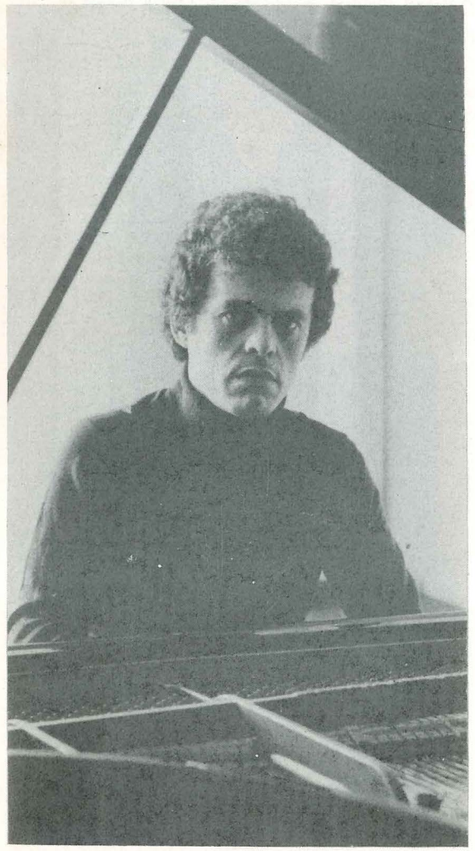
PAULO MOURA (Sax alto)



LUIZ ANUNCIAÇÃO (Marimba)



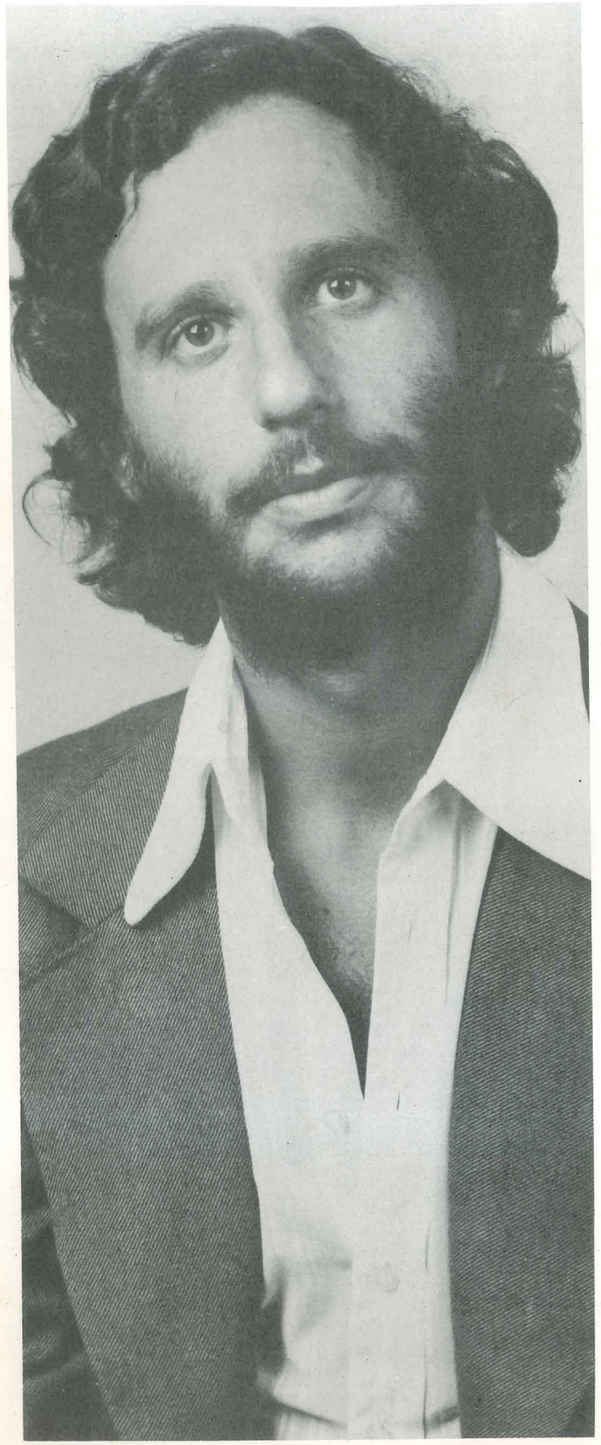
SAAC KARABITCHEVSKI (Regente)



MIGUEL PROENÇA (Piano)

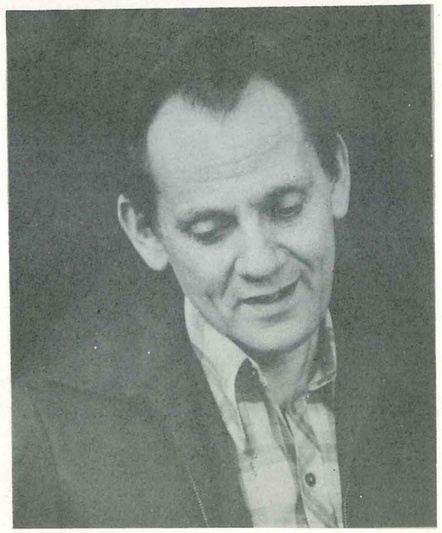
SÔNIA VIEIRA (Piano)

TRIO MÚSICA VIVA



JOHN NESCHLING (Regente)

MARIA LUCIA GODOY (Soprano)



ELADIO P. GONZALEZ (Barítono)

STANISLAV SMILGIN (Violino)

DIRCE KNIJNIK (Pianos)

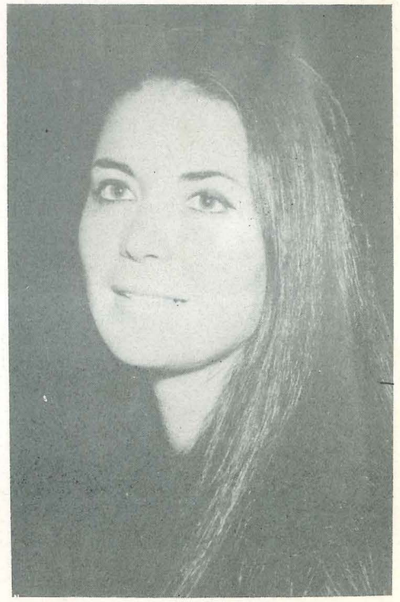
PAULO PORTO ALEGRE (Violão)

MARIA CÉLIA MACHADO (Harpa)

ED LEMOS (Acordeão)

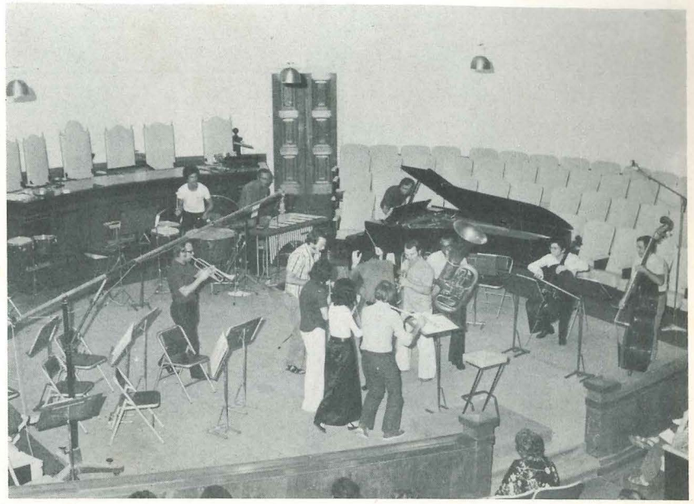
FERNANDO LOPES (Piano)

QUINTETO DE METAIS DO CONSERVATÓRIO BRASILEIRO DE MÚSICA



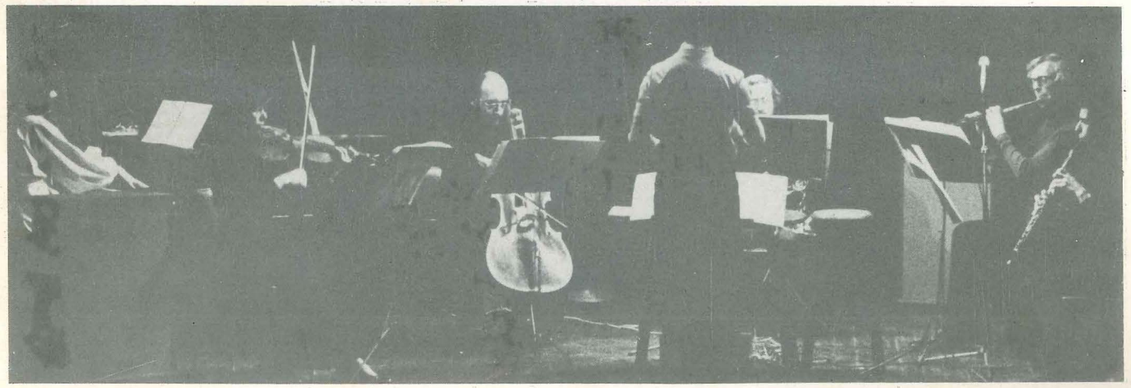
SONIA MUNIZ (Pianista)

HELENA HOLLNAGEL (Cravo)



CONJUNTO MÚSICA NOVA

PIERO BASTIANELLI (Regente)



CONJUNTO ARS CONTEMPORANEA

JESSÉ SADOC (Ttombone Tenor)

MARIA DA GLÓRIA CAPANEMA (Soprano)

ROBERTO RICARDO DUARTE (Regente)

QUINTETO VILLA-LOBOS

Próximos Concertos

Outubro

Dia 24 às 21 h
Recital de Roberto Szidon

Dia 25 às 21 h
Orq. do Teatro Municipal

Dia 26 às 21 h
Orq. Sinfônica Brasileira concerto de encerramento. Solista Peter Dauelsberg. Regente Isaac Karabtchevsk

Dia 27 às 21 h
Jean Louis Steuerman

Dia 28 às 18:30 h
Ballet Teatro Liliane d'Albiny

A direção da Sala Cecília Meireles logrou realizar a II Bienal de Música Contemporânea, graças aos esforços incansáveis de uma equipe, a cujos integrantes, abaixo relacionados, manifesta seus agradecimentos.

PETER DAUELSBERG
HELIANA AUXILIADORA ALVES DA SILVEIRA
JACYRA ARRUDA MARQUES
ADHEMAR NÓBREGA

auxiliados por:

MARIA TEREZA GOMES DA CRUZ
CÉLIA SAMPAIO
TELMO CORTES
ANTONIO CARLOS DE ANDRADE